

O CAMPEPINATO RUSSO NA REVOLUÇÃO E NA PÓS-REVOLUÇÃO¹

Ida Mett

RESUMO

As seculares tradições dos camponeses, o seu apego com a coletividade, o "mir", suas qualidades morais, a sua cultura artística e poética, suas crenças, ingênuas e puras, eram realmente inúteis ou mesmo nocivos durante a criação da nova sociedade? Todavia, na realidade, nem o campesinato nem a classe operária não têm realmente participado da criação da sociedade pós-revolucionária, porque a concepção bolchevista-leninista do socialismo lhes tirou muito cedo qualquer possibilidade de intervenção democrática corretiva. O partido sozinho achava que sabia tudo, queria fazer tudo sozinho, subordinando a vida do país ao Estado onipotente. De modo que o Estado burocrático, sem nenhum controle público, e o regime soviético, hoje em dia, são obra apenas do partido de Lênin e dos seus epígonos. Quanto à velha discussão entre o populismo e o marxismo, é mais do que nunca presente, não só para a Rússia, mas para outros países e outros continentes. O campesinato, não só na Rússia, mas em todo o mundo, não é econômica, política e culturalmente uma classe útil e criativa, ou precisa subjugar-la ou mesmo eliminá-la, para criar uma sociedade socialista?

Eis as perguntas que, através da Rússia, levantam-se ao mundo inteiro.

Palavras-chave: Revolução; Campesinato; Rússia; Ida Mett

¹ Primeira publicação: *Edições Spartacus*, n° 24, maio-junho 1968. Tradução e revisão: Xavier Van Welden e Fabiano Bringel. Publicado no Instituto de Teoria e História Anarquista (ITHA) em 30/01/2018

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	1
CINQUENTA ANOS APÓS A REVOLUÇÃO.....	1
I. DA SERVIDÃO À REVOLUÇÃO.....	3
ESBOÇO HISTÓRICO	3
AS CONCEPÇÕES AGRÁRIAS DOS POPULISTAS	4
A OBCHTCHINA E OS MARXISTAS	8
OS MARXISTAS E O PAPEL DO CAMPESINATO	9
A REFORMA DE STOLYPIN	13
II. A SITUAÇÃO ECONÔMICA DOS CAMPONESES AO INÍCIO DO SÉCULO XX....	15
EVOLUÇÃO DA ECONOMIA CAMPONESA	16
A EXPANSÃO DAS COOPERATIVAS.....	17
III. O CAMPESINATO NA REVOLUÇÃO DE FEVEREIRO A OUTUBRO.....	19
OS BOLCHEVIQUES E A PARTILHA DAS TERRAS	21
IV. DEPOIS DA TOMADA DO PODER PELOS BOLCHEVIQUES.....	24
OS COMITÊS DOS CAMPONESES POBRES.....	24
O COMUNISMO DE GUERRA NO CAMPO.....	25
OS FUNDAMENTOS SOCIALISTAS SEGUNDO LÊNIN	27
FOME GERAL E DESÂMPARO CAMPONÊS	29
V. A NOVA POLÍTICA ECONÔMICA.....	31
APÓS A DESTRUIÇÃO DAS COOPERATIVAS.....	32
VI. A COLETIVIZAÇÃO FORÇADA.....	34
MEDIDAS ECONÔMICAS E METAS POLÍTICAS	36
DA COLETIVIZAÇÃO À FOME.....	37
VII. A OPOSIÇÃO À COLETIVIZAÇÃO.....	41
OPOSIÇÃO «DE DIREITA» E «DE ESQUERDA».....	43
TROTSKY E A COLETIVIZAÇÃO	45
VIII. A ESTRUTURA DOS KOLKHOZES.....	48
PRODUÇÃO INDIVIDUAL E PRODUÇÃO COLETIVA	49
IX. A ADMINISTRAÇÃO DOS KOLKHOZES.....	52
O ESTATUTO KOLKHOZIANO DE 1935	52
X. OS CAMPONESES DURANTE A GUERRA DE 1939-1945.....	54
XI. O PÓS-GUERRA: AS “AGROCIDADES”.....	56
OS PLANOS DE DESLOCAMENTO FORÇADO SÃO ABANDONADOS?.....	57

XII. APÓS A MORTE DE STALIN...	59
A EXPERIÊNCIA DAS TERRAS VIRGENS.....	61
UMA CERTA LIBERALIZAÇÃO... ..	64
XIII. A SITUAÇÃO APÓS KHRUSHCHEV.....	67
XIV. E AGORA?	70
A NOMENCLATURA, NOVA NOBREZA?	70
DOIS DEDOS DE ESPERANÇA?	71
PERSPECTIVAS... ..	72
ANEXO: BIOGRAFIA SUCINTA DA AUTORA	74
BIOGRAFIA.....	74
O EXÍLIO NA FRANÇA E A PLATAFORMA ANARQUISTA.....	74
A DENÚNCIA DO ESTALINISMO	75
A ATIVIDADE MÉDICA E DE PROPAGANDA.....	76



Ida Mett. Fonte: <https://robertgraham.wordpress.com/>

PREFÁCIO...

CINQUENTA ANOS APÓS A REVOLUÇÃO...

Meio século depois, não é inútil fazer a pergunta: por que e para quem ocorreu a Revolução Russa de 1917?

Com efeito, durante o longo período de preparação ideológica e moral dessa revolução, nunca houve qualquer questionamento do poder do Estado russo como um dos objetivos para ser alcançado. Pelo contrário, os ideólogos de todas as tendências socialistas da Rússia consideravam-se como adversários da política de expansão e de dominação do Império Russo.

Não se tratava também de alcançar e superar os outros estados e continentes, econômica ou militarmente. Foi, pelo contrário, ingenuamente falando, questão do bem-estar e da felicidade do povo. E falando do povo, se queria especialmente dizer naquele momento, o camponês, que constituía 75% da população. Contudo o que aconteceu com este "estado-classe" do campesinato durante este meio século de revolução e de pós-revolução?

Será que de fato é historicamente útil e justificado que o campesinato russo, com a participação ativa do qual começou e aprofundou-se a revolução, fosse escravizado em uma hipotética ditadura do proletariado, que na verdade nunca existiu?

As seculares tradições dos camponeses, o seu apego com a coletividade, o "*mir*", suas qualidades morais, a sua cultura artística e poética, suas crenças, ingênuas e puras, eram realmente inúteis ou mesmo nocivos durante a criação da nova sociedade?

Todavia, na realidade, nem o campesinato nem a classe operária não têm realmente participado da criação da sociedade pós-revolucionária, porque a concepção bolchevista-leninista do socialismo lhes tirou muito cedo qualquer possibilidade de intervenção democrática corretiva. O partido sozinho achava que sabia tudo, queria fazer tudo sozinho, subordinando a vida do país ao Estado onipotente. De modo que o Estado burocrático, sem nenhum controle público, e o regime soviético, hoje em dia, são obra apenas do partido de Lênin e dos seus epígonos.

Quanto à velha discussão entre o populismo e o marxismo, é mais do que nunca presente, não só para a Rússia, mas para outros países e outros continentes.

O campesinato, não só na Rússia, mas em todo o mundo, não é econômica, política e culturalmente uma classe útil e criativa, ou precisa subjugá-la ou mesmo eliminá-la, para criar uma sociedade socialista?

Eis as perguntas que, através da Rússia, levantam-se ao mundo inteiro.

I. DA SERVIDÃO À REVOLUÇÃO...

ESBOÇO HISTÓRICO

Para entender melhor a história recente do campesinato russo, é útil fazer uma pequena incursão na história mais distante que nos dará a possibilidade de ver o importante papel que o campesinato jogou na própria formação do país e do Estado: "Na história da Rússia, diz o professor Pierre Pascal, a figura essencial é o camponês. Cultivadores, caçadores e pescadores, ao censo de 1897, ainda constituem três quartos da população. Parece ser apenas um objeto passivo da história, ele é o único apoio real do edifício sempre mais esmagador do Estado russo, o saco de pancada perpétuo de todos os regimes. Mas, olhando de perto, continua P. Pascal, não é apenas isso: por causa do seu peso demográfico, o seu bem-estar relativo ou a sua miséria não demora para fazer a grandeza ou a fraqueza do país; não tem medidas importantes que não sejam inspiradas pela consideração do seu estado; não tem grandes tormentos na vida nacional que não encontrem nele a sua explicação".

E, de fato, durante o meio século decorrido desde 1917, a política para com o camponês não deixou de influenciar a vida e a política de todo o país.

Lembre-se que a revolução de 1917 ocorreu apenas 56 anos após a abolição da servidão, a qual na Rússia durou cerca de quatro séculos, e são as condições em que essa abolição ocorreu, assim como os seus vestígios, que se perpetuaram durante mais de meio século, que influenciaram toda a história da Rússia antes e depois da revolução. Vejamos então em que condições se encontravam os camponeses russos no momento da abolição da servidão.

De acordo com o ato do governo de 19 de fevereiro de 1861 os servos foram declarados:

- 1- individualmente livres sem resgate;
- 2- os camponeses recebiam terra para uso permanente;
- 3- os lotes de terra eram determinados por acordo entre camponeses e proprietários de terra;
- 4- os camponeses, recebendo a terra para uso permanente, deviam pagá-la pelo seu trabalho ou por dinheiro. Até que tenham pago esta terra, eles permaneciam "provisoriamente obrigados";
- 5- até o resgate integral, o senhor tinha um direito de fiscalização;

6- saindo da dependência da servidão, os camponeses tinham de agrupar-se nas "*obchtchinas*", tipos de comunidades rurais.

Cada camponês, se era chefe de um lar, era membro da "*obchtchina*"; tinha lá o seu voto, mas, ao mesmo tempo, era ligado pela maioria dos votos dos outros membros desta *obchtchina* tanto no ponto de vista da terra quanto no ponto de vista individual. Toda a vida camponesa era condicionada por essa forma de posse agrária que não era individual, mas familiar. À base da *obchtchina* encontrava-se um sistema de partilha igualitária das terras, o que colocava todo membro da comunidade nas mesmas condições de utilização de terras de diferentes qualidades. Progressivamente, em paralelo com o aumento da população camponesa, houve novas partilhas e os lotes de cada um diminuíram. O camponês não podia dispor livremente do seu lote, mesmo da parte onde achavam-se a sua casa e a sua cerca.

Ele também não podia deixar a comunidade por sua própria vontade. Apenas os camponeses que não tinham um lote ou que se encontravam supranumerários na sua família, podiam deixar a comunidade; mas, mesmo naquela situação, eles tinham que ter a permissão do chefe da família e de toda a comunidade que lhes emitiam um passaporte, ou seja, a capacidade de deslocar-se em todo o país.

A dependência econômica expressava-se no princípio da "*krougovaiaporouka*" (responsabilidade coletiva), que abrangia não só os impostos, mas também os pagamentos para o resgate das terras recebidas para a sua utilização por cada lar camponês. O preço desta terra era reembolsado aos proprietários por parte do Estado, que por sua vez devia receber de volta o valor pelo camponês durante um determinado período. A *obchtchina* era solidariamente responsável por essa dívida.

Assim a *obchtchina* ou a comunidade camponesa apresentava para o servo libertado uma nova forma de dependência mais igualitária que podia, segundo uma parte da opinião pública russa daquela época, transformar-se numa unidade do futuro socialismo camponês e preservar todo o país do estágio capitalista do desenvolvimento econômico.

AS CONCEPÇÕES AGRÁRIAS DOS POPULISTAS

Foi no início dos anos sessenta do século XIX, que a intelligentsia revolucionária russa começou a luta em prol do interesse do campesinato. Foi Herzen quem primeiro qualificou a *obchtchina* de célula socialista e o camponês russo de socialista inato, capaz pelas suas

próprias forças de criar o socialismo na Rússia. Essas ideias foram desenvolvidas na revista «*Kolokol*» (Sino), editada em Londres, que tinha uma forte influência sobre os intelectuais russos dos anos 60. Foi Herzen quem primeiro lançou a palavra de ordem «*Terra e Liberdade*».

«*Kolokol*» publicou o programa agrário seguinte: “*Declarar que todos os camponeses estão livres com a terra que possuem atualmente. Os que não têm terra, tais os camponeses pobres, aqueles que não têm terra, esses agricultores empregados como domésticos dos senhores e aqueles que trabalham na fábrica, devem receber um lote de terra tomado entre aquelas do Estado. Aqueles entre os camponeses senhoriais que não têm terra suficiente, devem receber ela a partir das terras senhoriais ou das aldeias, de modo que nenhum camponês fique sem uma quantidade suficiente de terra. Os camponeses devem possuir a terra em comum. E quando, em tal obchtchina, teria muitas pessoas, deveríamos dar a uma tal comunidade terras tiradas daquelas utilizáveis, ainda disponíveis*” (ver “*Kolokol*”, ed. 4, 1861, nº 102, p. 2).

Depois de Herzen, N. Chernyshevsky declara-se a favor da *obchtchina*. Ele pensava que a *obchtchina* podia servir de base para o desenvolvimento socialista no campo russo, sob condição de abolir a posse senhorial das terras e de instalar uma república democrática. Ele declarou-se defensor da fórmula seguinte: “*Propriedade do Estado com posse pela obchtchina*” (v. Chernyshevsky, obras completas, T. IV Goslitizdat, 1948, p. 434).

Mas Chernichevsky foi mais longe; ele considerava que se apoiando sobre a *obchtchina*, a Rússia podia evitar a fase capitalista e ir diretamente rumo ao socialismo. “*Queremos que a terra pertença não a uma pessoa, mas ao país; que cada comunidade tenha o seu lote, que não existam proprietários individuais, que não se possa vender a terra como se vendem batatas e couves, que cada cidadão, seja ele qual for, possa tornar-se membro da comunidade agrária, ou seja, que ele possa inserir-se na comunidade existente, ou que cada cidadão possa formar uma nova obchtchina. Queremos manter o modo de propriedade da terra pela obchtchina, fazendo redistribuições depois de longos prazos*” (ver Proclamaciichestidesiatygodov, ed. 1926, p. 53).

De acordo com os populistas, as comunidades deviam federar-se: “*Cada região deve compor-se de comunidades agrárias, das quais todos os membros possuem os mesmos direitos. Cada pessoa tem necessariamente de ser inscrita em qualquer das comunidades. A comunidade deve dar-lhe sua parte de terra que ele, aliás, pode recusar ou alugar. A terra*

atribuída a cada membro da comunidade não é a sua posse para a vida, mas apenas para um determinado número de anos, após os quais o "mir" faz de novo uma partilha. Todos os outros bens do membro da comunidade ficam intangíveis durante sua vida e, depois de sua morte, tornam-se propriedade da comunidade " (ver Proclamaciichestidesiatyhgodov, p. 65).

O anarquista Bakunin também era um defensor da comunidade. Na revista "*NarodnoieDielo*"², que editava em Genebra, no artigo-programa do primeiro número do ano 1868, podemos ler: "*A terra pertence somente àqueles que a trabalham com suas mãos - às obchtchinas agrárias*". Em seu livro "*O Estado e a Anarquia*" Bakunin salienta que o direito de usar a terra não pertence ao indivíduo, mas a toda a comunidade, ao *mir* que a separa provisoriamente entre indivíduos. Bakunin também enfatiza a autonomia absoluta das *obchtchinas*.

PiotrLavrovitchLavrov, também, era a favor da posse e do uso da terra pela *obchtchina* a partir da qual devia desenvolver-se segundo ele um regime de socialismo agrário. Na revista "*Vperiod*"³ que publicava no exterior, ele formulava assim o programa agrário: "*Para o Estado russo, a base especial sobre a qual pode se desenvolver o futuro da maioria da população russa na direção indicada pelos problemas comuns do nosso tempo é o campesinato com o seu sistema comunitário de posse das terras. Desenvolver a nossa obchtchina no sentido do trabalho em conjunto da terra e da utilização conjunta da terra, fazer do "mir" o elemento político essencial do sistema político russo, submergir na propriedade comunitária a propriedade privada - estas são metas especificamente russas às quais devem colaborar todos os russos que desejam o progresso da sua pátria*" (ver Vperiod, revista não periódica, vol. I, ed. 1873, p. 11).

Um programa similar foi desenvolvido pelo órgão dos jacobinos russos "*Nabat*"⁴, que foi criado e escrito por PiotrNikititchTkatchov em 1875. Este exigia: 1- A reforma gradual da *obchtchina* camponesa baseada no princípio da posse provisória privada numa *obchtchina* com base no princípio da posse coletiva das ferramentas de produção e do trabalho em conjunto. (Ver "*Nabat*", 1875, No. 1, pp. 4-5)

Mas a propaganda revolucionária realizada entre os agricultores por entusiastas jovens intelectuais terminou em fracasso. Agora, cem anos mais tarde, é possível dedicar-se a

² A Causa do Povo (NdT)

³ Para a Frente (NdT)

⁴ A Rebate (NdT)

conjecturas psicológicas diversas sobre as causas dessa derrota. Se pode supor que o camponês russo, que tinha acabado de sair de uma longa servidão, era demasiado pouco evoluído intelectualmente para poder generalizar e politicamente julgar a sua posição social, que faltava perspicácia social e não entendia a linguagem dos jovens revolucionários provenientes da nobreza. Ele os confundia com inimigos do campesinato e os denunciava à polícia. O fato é que um muro psicológico os separava, que muito influenciou todo o movimento revolucionário e a organização populista "*Terra e Liberdade*". No congresso de 1879, essa organização dividiu-se em dois grupos: "*NarodniaVoila*" (*A Vontade do Povo*) e "*TchiornyPerediel*" (*Partilha das Terras*). A *NarodniaVoila* abrigou os que não esperavam mais realizar o socialismo pela *obchtchina*, e que decidiram abater em primeiro lugar a monarquia pelo terror. Isso enquanto os defensores do "*TchiornyPerediel*"⁵ esperavam, pela disseminação das ideias socialistas, levantar os camponeses contra o regime que os escravizava.

A geração seguinte dos populistas continuou a dar à *obchtchina* uma importância capital. Assim, o teórico do populismo Youjakov, comparava a Rússia com uma "*casa em chamas*" e propunha como um meio para extinguir este fogo o fortalecimento da posse comunitária da terra. A "*casa em chamas*" para ele era o capitalismo que ameaçava desenvolver-se na Rússia. Para não permitir ao capitalismo desenvolver-se na agricultura, escrevia, era necessário desenvolver "*uma obchtchina camponesa independente e culta, que se oporia à separação da agricultura dos ofícios e do produtor dos meios de produção*" (ver a revista "*RusskoyeBogatstvo*" No. 12, pp. 187, 208.).

Um outro teórico populista, Nikolai-on (Danielson) afirmava que, sem a comunidade camponesa a Rússia corria para a sua ruína. "*A posse comunitária da terra, escrevia, é uma das condições materiais da produção, na qual pode ser construído o edifício da economia pública. Não temos que esperar a perda das terras pela maioria dos camponeses para que, em vez, desenvolva-se um sistema agrário capitalista, como vem sendo feito no Ocidente. Uma tal perda das terras pela massa dos camponeses marcaria a véspera da nossa morte, morte econômica*" (Nikolai-on, *Otcherkinachegoporeformenogooibtchestvennogokhoziaïstva*, ed., 1893, p. 344.).

⁵Aqui o texto original não explicita o sentido da expressão russa. (NdT)

Um outro populista, V. Vorontsov, escreveu: "*Estamos felizes por ter mantido até agora traços humanitários do caráter e das instituições, espírito comunitário, o artel⁶, a obchtchina, que os outros povos têm perdido há muito tempo e que eles deverão voltar a conquistar*" (ver Vorontsov, *Soudbykapitalizma y Rosii*, ed., 1882, p. 274).

Finalmente, o líder espiritual dos populistas dos anos 90, o Sr. Mikhailovski considerava a *obchtchina* como caminho original que devia salvar a Rússia do capitalismo, e recusava o esquema de Marx para a Rússia.

A OBCHTCHINA E OS MARXISTAS

Contudo, o que Marx pensava da *obchtchina* russa? A pergunta foi feita a ele pela revista "*Zapiski Otetchestvenyie*"⁷ e nomeadamente lhe foi perguntado se ele pensava que a Rússia poderia, graças à *obchtchina* alcançar o socialismo sem passar pelo estágio capitalista. Numa carta datada de 1877 e dirigida a Mikhailovski, Marx respondeu isso: "*Se a Rússia está tendendo para tornar-se uma nação capitalista à maneira das nações da Europa Ocidental - contudo, nos últimos anos, não tem trabalhado pouco neste sentido - não terá sucesso sem antes de tudo ter transformado uma parte significativa dos seus camponeses em proletários; e, depois disso, encontrando-se dentro do regime capitalista no campo dos países capitalistas, ela estará subordinada às suas leis implacáveis, como outros povos ímpios*" (ver *Perepiska, K. Marksa i F. Engelsa s rousskimipolititicheskimideiateliami*, ed. Gospolitdat, 1951, p. 222).

Quanto a Engels, a sua opinião era um pouco mais matizada. Numa carta para Danielson, ele dizia: "*Não há dúvida de que a obchtchina e, em certa medida, o artel contém certos germes que, nas condições dadas, teriam podido se desenvolver e salvar a Rússia da necessidade de passar pelos sofrimentos do capitalismo*". No entanto, Engels subordinava a sua opinião a um pré-requisito indispensável - uma mudança no sistema econômico dos países do Ocidente, o desaparecimento do capitalismo nos países onde se originou (ver *PerepiskaMarksa i Engelsa s rousskimipolititicheskimideiateliami*, p. 174).

A questão agrária e o papel da *obchtchina* não estavam apenas no centro das discussões políticas, mas influenciaram a arte, a literatura e as ciências humanas russas. E de fato podia-se não cuidar da questão camponesa, quando ao mesmo tempo em que estourou a

⁶ Cooperativa de produção ou de exploração anterior ao kolkhoz, proprietária dos seus meios de produção (NdT)

⁷ Aqui o texto original não explicita o sentido da expressão russa. (NdT)

revolução de 1917, entre 160 milhões de população ainda contavam-se 120 milhões de camponeses? Nos anos anteriores, essa proporção era ainda mais flagrante.

OS MARXISTAS E O PAPEL DO CAMPESINATO

No entanto, com a penetração das ideias marxistas na Rússia, as concepções sobre o papel do campesinato mudam. Assim, já o primeiro grupo marxista, "*GroupaOsvobojdeniaTruda*"⁸ questionou o papel do campesinato na revolução futura. E Plekhanov, uma das personalidades mais eminentes desse grupo, disse ao Congresso Socialista internacional de 1889 que "*o movimento revolucionário russo triunfará apenas como movimento dos operários ou não triunfará nem um pouco*". Quanto ao seu programa agrário, o Grupo Emancipação do Trabalho limitava-se a exigir uma revisão decisiva das relações agrárias, isto é, as condições de resgate das terras e sua repartição nas comunidades camponesas. Também pedia o direito, para os camponeses que o desejavam, de recusar o seu lote de terra e de deixar a comunidade.

Estes requisitos mostram que os primeiros marxistas russos eram hostis à *obchtchina*, e mais tarde todas as suas discussões com os populistas giraram em torno a esta questão. Não só eles não reconheciam à *obchtchina* o papel de célula socialista natural, mas, pelo contrário, acusavam esta instituição de ser a base do atraso político, económico e social da Rússia, dificultando a marcha para o capitalismo que os primeiros socialdemocratas consideravam como uma fase necessária e progressiva, pois o capitalismo devia, segundo eles, fazer surgir um proletariado que devia contribuir para o desenvolvimento de um movimento revolucionário e socialista. Eles consideravam que o movimento revolucionário não encontra nenhum eco entre os camponeses. Assim o bolchevique V. Mechtcheriakov escrevia em 1918 que os socialdemocratas reconheciam abertamente que o movimento revolucionário russo quase não tinha encontrado simpatia entre os camponeses, nem compreensão. O principal apoio para a autocracia tinha encontrado a sua origem precisamente na indiferença e no atraso intelectual dos camponeses. E a causa da revolução teria sido sem esperança, pensavam os socialdemocratas, se o desenvolvimento do capitalismo não tivesse dado à luz a uma nova classe - a dos operários industriais. (Ver V. Mechtcheriakov, *Programa agrário dos socialdemocratas russos 1883-1917*, p.3).

⁸ Grupo Emancipação do Trabalho (NdT)

Em geral, os socialdemocratas dos anos 1890, com as suas lutas fracionais, não tendo programa comum para o partido, não tinham mais programa agrário, mas ocupavam-se muito da questão da terra e das leis do desenvolvimento agrário na Rússia. Aliás, esta pergunta era a base das suas divergências com os populistas.

Quanto a Lênin, ele afirmava que os marxistas deviam basear-se não na *obchtchina*, mas no fato indiscutível de que o capitalismo já tinha penetrado profundamente na vida económica russa, ele ferozmente criticava as exigências dos populistas quanto aos problemas da dependência dos camponeses em relação ao seu lote, da proibição feita aos camponeses de deixar a *obchtchina* e do princípio de responsabilidade coletiva.

No início do século XX, o programa agrário dos socialdemocratas não acusava muita diferença com o do "*Grupo Emancipação do Trabalho*". Com efeito, esse programa agrário elaborado no segundo congresso de 1903 dizia palavra por palavra isso: "*A fim de eliminar os restos da servidão que oprimem diretamente os camponeses, e no interesse do livre desenvolvimento da luta de classes no campo, o partido exige em primeiro lugar:*

1- A supressão dos pagamentos para o resgate das terras e de todas as taxas que atualmente caem sobre o campesinato, como sobre um estado tributável.

2- A supressão de todas as leis que perturbam o campesinato na implementação e o uso do usufruto da terra.

3- O reembolso aos camponeses das somas pagas por eles para resgate das terras; o confisco com esta finalidade das terras pertencentes aos mosteiros e às igrejas, das terras dos apanágios e daquelas que pertenciam à família do czar, impostos sobre as terras dos senhores nobres; e utilização dos fundos assim recolhidos para a criação de um fundo para as necessidades culturais e a assistência às comunidades camponesas”.

Mais tarde, o acima mencionado Mechtcheriakov admitia que "*em breve descobriu-se que os camponeses fizeram exigências mais amplas do que as dos socialdemocratas*". De fato, na Primavera de 1905, tinham começado movimentos espontâneos de camponeses, que perturbavam o país. Antes desses movimentos, os socialdemocratas entendiam facilmente a insuficiência de seu programa agrário, especialmente desde 1901, frente ao outro partido socialista, muito ativo, o partido socialista-revolucionário que se considerava o sucessor dos antigos populistas. Em 1906, o primeiro congresso do partido dos *socialistas revolucionários* adotou um programa agrário em que se podia encontrar que se baseando nas concepções e nas

tradições comunitárias dos camponeses e na sua crença de que a terra não pertence a ninguém, o partido declarava ser para a socialização das terras; que o uso das terras tinha que ser igual em base ao trabalho, a terra tinha que se tornar propriedade do povo, sem resgate; que o partido também se declarava a favor do desenvolvimento da cooperação com base no trabalho.

Ora, frente a esse programa dos socialistas-revolucionários, Lênin escrevia: "*As pessoas da antiga fé e aquelas que não têm de toda fé, os socialistas-revolucionários, não têm ideia nenhuma da estrutura económica do nosso campo e da sua evolução; eles não têm ideia nenhuma das relações burguesas que se constituem dentro da obchtchina, do poder do campesinato burguês*" (ver Lênin, "*resposta à crítica do projeto do nosso programa*", obras compl., T. 7, p. 224). Ele considerava como "*super-curioso*" a ideia dos socialistas-revolucionários de usar, no interesse do socialismo, as concepções comunitárias bem como as concepções de trabalho e as formas de vida do campesinato russo. Para ele, essas concepções não existiam de jeito nenhum. Em seu relatório para a VIIª conferência pan-russa de 28 de abril ao dia 11 de maio de 1905, Lênin dizia: "*Suas concepções são burguesas, o uso igualitário da terra, eles o entendem como a remoção da terra aos proprietários, mas não como igualdade entre detentores individuais*" (Lênin, obras compl., T. 31, p. 418). Segundo Lênin, a luta se conduzia para o "*tipo americano do capitalismo agrário*". Ele considerava os camponeses como os aliados mais naturais da burguesia democrática, sem os quais essa burguesia era impotente contra a reação. (Lênin, "*Dois táticas da socialdemocracia na revolução socialista*", obras compl., T. 11, p. 126).

No entanto, não escapava a ninguém que o camponês russo devotamente acreditava que "*a terra não pertencia a ninguém*". Assim, o dirigente czarista, S. Witte escrevia naquela época que "*nenhum conceito de propriedade entrou na consciência do camponês*". (Citado segundo A. Kotchegarov-Zemelnaïaprogrammaanarkhistov-kommunistov, Londres 1912, izd. "*Khlieb i Voila*"). Isso não escapou nem a Lênin, que escrevia que "*não havia uma sombra de dúvida, que a ideia de propriedade do povo inteiro sobre a terra está atualmente largamente difundida entre os camponeses*" (citado segundo Kotchegarov). No entanto, a resolução do 3º Congresso do Partido social-democrático não conseguia desfazer-se da sua desconfiança para com o campesinato. De fato, encontramos nele o seguinte:

“*Considerando que:*

1- *O atual movimento de emancipação camponesa sendo espontâneo, politicamente indiferente, se volta inevitavelmente, no entanto, contra todos os restos da servidão,*

2- *Nos problemas da socialdemocracia, juntou-se o apoio qualquer movimento revolucionário contra o sistema social e político existente.*

3- *Por causa disso, a socialdemocracia deve tentar depurar o conteúdo revolucionário e democrático do movimento camponês de todos os vestígios reacionários, desenvolvendo a consciência revolucionária dos camponeses e apoiando até ao fim as suas exigências democráticas.*

4- *a socialdemocracia, enquanto partido do proletariado, deve em todos os casos e em todas as circunstâncias tender para uma organização independente do proletariado agrário, e deve fazer-lhe entender a contradição total entre os seus interesses e os da burguesia.*

O terceiro Congresso do partido socialdemocrata encarrega todas as organizações do partido:

a- de propagar nas largas camadas do povo que a socialdemocracia coloca como problema o apoio mais enérgico de todos os empreendimentos do campesinato revolucionário capazes de melhorar a sua situação, inclusive o confisco das terras dos senhores, do Estado, da Igreja, dos conventos e de apanágios;

b- como palavra de ordem prática da agitação entre os camponeses e como meio de aumentar ainda mais a consciência do movimento camponês, de destacar a necessidade de uma organização imediata dos camponeses revolucionários em comitês, com o objetivo de alcançar todas as mudanças revolucionárias democráticas capazes de liberar os camponeses do jugo policial e autocrático;

c- a fim de desorganizar a autocracia e para apoiar o impulso revolucionário dirigido contra ela, de chamar o campesinato e o proletariado agrário para os atos políticos, a recusa coletiva de pagar impostos e taxas, de cumprir o serviço militar e de obedecer às decisões e aos prikazes⁹ do governo e dos seus agentes;

d- de tender para uma organização independente do proletariado agrário, para a sua fusão com o proletariado urbano sob a bandeira do partido socialdemocrata e fazer passar os seus representantes nos comitês camponeses”.

⁹ Na Rússia czarista, unidade encarregada da administração de um sector público.

Importa salientar, no entanto, para a verdade histórica das coisas, que, enquanto os socialdemocratas condescendiam em ir para os camponeses, considerando-os como politicamente ignorantes, toda uma elite de jovens camponeses lutava heroicamente por toda a Rússia, tanto na marinha e no exército quanto no campo. As revoltas camponesas que submergiavam todo o país surgiam sem qualquer inspiração dos socialdemocratas. Aliás, nas fileiras destes, não havia nenhuma unidade sobre o problema agrário. As discussões giravam em torno da questão: como lidar com a terra expropriada? Apoiar o desejo dos camponeses de compartilhar esta terra ou entregá-la aos organismos locais, municipalizar?

Aqueles que eram a favor da partilha das terras, os "*razdielistys*" (partilhadores), diziam que os camponeses não queriam nem a nacionalização, nem a municipalização, eles queriam partilhar entre si a terra. Os defensores da municipalização afirmavam que a partilha é prejudicial ao ponto de vista político, porque os camponeses uma vez a terra obtida, virariam as costas aos socialistas.

Os *partilhadores* emitiam a opinião de que a partilha não iria prejudicar a revolução, que os camponeses, tendo obtido a terra, queriam conservá-la e iriam dar o seu apoio aos socialistas contra o czarismo.

Quanto a Lênin, que inicialmente era favor da nacionalização, na discussão entre os *partilhadores* e os defensores da municipalização, ele ocupava uma posição à parte, dizendo: "*A municipalização é errada e prejudicial, a partilha é errada, mas não é prejudicial*".

A REFORMA DE STOLYPIN¹⁰

Frente a tudo isso, o que pensavam os grandes proprietários? A parte mais consciente desta classe-estado percebia que o camponês, membro da *obchtchina*, não tinha nada a perder na revolução, pelo contrário, tinha tudo a ganhar: a terra, a liberdade individual e a jurídica. Assim esta classe de grandes proprietários concebeu a ideia de criar uma camada de pequenos proprietários que teriam a possibilidade de sair da *obchtchina* e tornar-se verdadeiros donos de seus lotes de terra. Foi o ministro Stolypin que foi o porta-voz dos grandes proprietários fundiários. Como os socialdemocratas, ele era hostil à *obchtchina*, mas, por razões opostas; via nela um viveiro de ideias socialistas. Ele queria criar uma barragem contra o socialismo incentivando entre os camponeses o instinto da propriedade. Enquanto presidia às repressões

¹⁰ Stolypin foi morto por um jovem intelectual revolucionário, D. Bogrov, de que não se sabe exatamente se era anarquista ou socialista-revolucionário, mas o que parece certo é que ele tinha sido associado à "*Okhrana*" (policia secreta) por convicção ou por tática, isso permanece desconhecido.

implacáveis contra os revolucionários (ele era desde 1906 ministro do Interior e simultaneamente presidente do Conselho de Ministros) Stolypin, que foi chamado de "vechatel"¹¹ fez promulgar no dia 9 de novembro de 1906 um *ukase*¹² sobre a possibilidade para os camponeses de deixar a *obchtchina* e de manter em propriedade o lote de terra obtido.

No período de 1907 a 1915 deixaram a *obchtchina* voluntariamente: 2.449 milhões de camponeses, ou 24,1% dos camponeses vivendo em *obchtchina*; por constrangimento: 1,698 milhões ou 16,7%; em total 4.147 milhões de chefes de famílias em 10,171 milhões ou 40,8% por 40 governos da Rússia europeia (ver "*ZemelnoïeDielo*" ed. 1923, p. 64). Entre os que deixaram a *obchtchina*, quase metade eram ex-camponeses que não se ocupavam mais de agricultura¹³, mas que legalmente pertenciam à condição camponesa. A segunda metade era de camponeses abastados para quem a *obchtchina* apresentava um obstáculo para as suas aspirações econômicas. Quanto ao camponês médio, o que foi designado mais tarde na Rússia como "*seredniak*"¹⁴, mantinha-se fiel à *obchtchina* no seio da qual ele saudou o advento da revolução de 1917.

¹¹ Carrasco enforcador (NdT)

¹² Decreto do Czar. (NdT)

¹³ Deve-se especificar que ao advento da Revolução de Fevereiro, a população camponesa não era juridicamente emancipada e na perspectiva do direito penal representava um grupo separado.

¹⁴ Aqui o texto original não explicita o sentido da expressão russa. (NdT)

II. A SITUAÇÃO ECONÔMICA DOS CAMPONESES AO INÍCIO DO SÉCULO XX...

Antes de passar aos eventos de 1917, queríamos parar brevemente sobre a situação econômica do campesinato russo por volta daquela época. As parcelas ínfimas de terras obtidas pelos antigos servos no momento da abolição da servidão e as altas taxas que foram impostas para o seu resgate contribuíram para o fato de que entre a reforma de 1861 e o ano 1917 a produtividade camponesa permanecia baixa. O padrão de vida mantinha-se baixo, a possibilidade de aumentar seu bem era ínfima e uma grande parte das pequenas explorações agrícolas não tinha nenhuma possibilidade de acumulação. Os camponeses trabalhavam com os métodos de cultivo do século XVI.

Os inquéritos de orçamento realizados em diferentes regiões da Rússia e dedicados às empresas dos agricultores de 1887 a 1915, mostram a sua estrutura econômica. As empresas de primeira classe não produziam o suficiente para o consumo da família camponesa que devia, portanto, obter uma renda complementar para comprar os produtos agrícolas que faltavam.

As empresas da segunda categoria estavam produzindo o suficiente para si e até mesmo vendiam alguns produtos (o linho) para comprar outros produtos para consumo doméstico. A terceira categoria de empresas tinha excesso de produção que vendia e que, depois do pagamento de impostos, lhes permitia comprar bens manufaturados.

Agora, na Rússia antes da revolução, apenas uma pequena proporção da população rural era classificada na terceira categoria. Eram principalmente camponeses que pertenciam antes de 1861 aos domínios da Coroa. Aliás, a quantidade de produtos que cada uma dessas empresas vendia no mercado era muito fraca.

Não há estatísticas sobre o número de fazendas de cada uma dessas três categorias. Só se sabe segundo o especialista deste problema, o Professor Sérgio Prokopovitch, que a maioria das empresas de fora da área das Terras Negras, pertenciam à primeira categoria, aquela cujas famílias deviam complementar a renda da fazenda por trabalhos artesanais ou através da contratação periódica no setor industrial urbano. Regiões inteiras desta área eram habitadas principalmente por mulheres, toda a população masculina estava trabalhando na cidade.

Nas Terras Negras da estepe arborizada ao sul do Oka onde se praticava a rotação em três anos, as empresas camponesas completavam os seus recursos através do arrendamento de terras em grandes propriedades e trabalhando nas estepes do sul. E é só nas estepes da Chernozem que se encontravam, se não em maioria, pelo menos em grande número, fazendas da terceira categoria, que trabalhavam para o mercado.

EVOLUÇÃO DA ECONOMIA CAMPONESA

Como o camponês russo saía da servidão material e moralmente impotente, a sua própria pequena empresa dava apenas uma produção para ser consumida no local. A primeira geração após a abolição da servidão dedicou sua vida para transformar gradualmente esta economia de consumo para uma economia de produção relativa. Mas por volta de 1880, a demanda do mercado criado pelo estabelecimento dos caminhos de ferro e, por outro lado, a chegada de uma nova geração que assumia a empresa agrícola e que não tinha sido submetida ao efeito desgastante da servidão feudal, o cultivo das plantas forrageiras, do linho, da batata e da beterraba sacarina desenvolveu-se ativamente juntamente com a indústria de laticínios.

Nos primeiros tempos, o mercado tomava os seus produtos do agricultor, reduzindo o consumo de trigo, leite, linho e lã e o dinheiro ganho pelo agricultor lhe servia principalmente para pagar impostos e o resgate das terras. Mas no final do século XIX, sob a influência do mercado, os primeiros sinais da expansão das forças produtivas da economia rural são observados, incluindo um desenvolvimento de setores de melhor renda, adaptados às necessidades do mercado, aumentando a renda que o agricultor leva do seu negócio, e, simultaneamente, cria uma base para o desenvolvimento da indústria e da vida urbana.

Esta evolução da economia camponesa foi ligada à atividade dos zemstvos¹⁵ e à criação das cooperativas agrícolas.

Segundo os dados dos inquéritos orçamentários, o acumulo nas empresas camponesas fazia-se muito lentamente e tanto mais lentamente que a empresa era mais pobre. É apenas nas explorações agrícolas da terceira categoria que trabalhavam para o mercado que esse acumulo tinha um certo porte económico. Na ausência de qualquer acumulo, a grande massa

¹⁵ *Zemstvos*: Espécie de poderes locais criados em 1864. Essas instituições agrupavam os representantes das diversas ordens sociais, inclusive camponeses. Eram encarregados de resolver certos problemas devidos a necessidades locais. Geriam em parte a Educação nacional, a higiene, o serviço de Engenharia civil das Estradas locais, constituíam depósitos de grãos e sementes e criavam o seguro contra as calamidades naturais. Tinham o direito de promulgar despachos cuja aplicação era obrigatória, e isso nos diversos domínios de sua competência.

das empresas agrícolas médias estava em plena estagnação. Tinha acúmulo e progresso técnico e, portanto, acréscimo do rendimento da mão de obra rural apenas do meio muito restrito dos agricultores abastecidos (provavelmente 10 a 15%).

As empresas camponesas cujo nível era abaixo da média e que deviam comprar uma certa quantidade de produtos agrícolas eram muito mais numerosas do que aquelas que pertenciam a agricultores abastecidos. As famílias camponesas que compunham esse meio social não estavam em posição de assegurar a sua subsistência na própria terra; esse estado de coisas implicava uma produção de produtos alimentares em outras empresas rurais muito mais importantes às quais incumbia também assegurar a alimentação dos operários das cidades, dos cidadãos em geral e daqueles pequenos agricultores que não colhiam produtos agrícolas suficientes para alimentar a sua família. Além disso, de 1909 a 1913, a Rússia exportava todo ano uma média de 14 milhões de toneladas de produtos alimentares, principalmente de cereais.

Pode-se logo concluir que, entre a época da abolição da servidão e o final do século XIX as empresas camponesas desenvolviam-se muito lentamente e, paralelamente, aos progressos que elas registravam, davam sinais sempre mais numerosos de declínio.

No final do século, o conde Witte¹⁶ empreendeu reformas que se mostraram em todos os lugares incapazes de prevenir a grande onda de revoltas camponesas de 1905-1906. Em contrapartida, a reforma de Stolypine, que ocorreu após a revolução de 1905, poderia ter trazido mudanças sociais importantes, mas chegou historicamente tarde demais. Veio em seguida a guerra de 1914-1918 que teve uma influência relativamente pouco considerável sobre a produção agrícola apesar da mobilização de mais de 10 milhões de homens. De fato, a produção agrícola baixou, segundo as cifras do *Ofício Central de Estatísticas* de então, apenas de 8%. Isso porque a camponesa russa entrou em ação e mostrou-se capaz de compensar a insuficiência de mão de obra masculina, o que ainda manifesta corajosamente hoje em dia.

A EXPANSÃO DAS COOPERATIVAS

Falando na economia camponesa russa, convém parar no movimento cooperativo, que se desenvolveu consideravelmente desde 1905. Após essa data surgiram sobretudo

¹⁶ Conde Witte : homem de Estado russo, partidário da evolução da Rússia para uma monarquia burguesa.

cooperativas de consumo e cooperativas agrícolas. Desta maneira, em 1871, havia 61 cooperativas de consumo e 21 cooperativas agrícolas em toda a Rússia. Em 1881, teve respectivamente 233 e 87, em 1901, 577 e 350, em 1906, 1.172 e 666 e em 1915, 11.000 e 6.800.

Em 1908 reuniu-se em Moscou o primeiro Congresso de todas as associações cooperativas ao qual tomaram parte quase 2.000 delegados. Este congresso serviu de ponto de partida à criação de uma vasta rede de cooperativas que tinham seu próprio banco (Banco Popular de Moscou). Na chefia desse movimento encontrava-se um organismo dirigente que dispunha de forças intelectuais de alto valor, é preciso, todavia, referir que os membros mais ativos desse movimento cooperativo foram, não os camponeses mais pobres, mas os camponeses médios.

Em geral, nas cooperativas e sobretudo nas cooperativas agrícolas, muitos socialistas e sobretudo socialistas-revolucionários concentraram a sua atividade. Os bolcheviques entravam também no movimento cooperativo, mas aqueles, com a segunda intenção de usar como terreno legal as cooperativas, para um trabalho revolucionário ilegal ou semilegal.

Pode-se afirmar que, em geral, as cooperativas durante a sua curta existência desempenharam, além do seu papel econômico importante, um papel cultural de primeira ordem, e elas contribuíram à melhoria dos métodos agrícolas e ao desenvolvimento da ciência agrônômica. Mas o destino quis que esse mesmo movimento cooperativo desempenhasse um papel fatal na direção do partido dos socialistas-revolucionários no verão 1917 opondo-se à ação decisiva dos camponeses que queriam uma partilha imediata das terras, o que facilitou muito a tomada do poder pelos bolcheviques que jogavam com a política díspar e hesitante do único grande partido dos camponeses de então – o partido dos socialistas-revolucionários.

III. O CAMPESINATO NA REVOLUÇÃO DE FEVEREIRO A OUTUBRO...

Já mencionamos que durante a primeira Guerra Mundial milhões de camponeses russos foram mobilizados. Esses soldados, nas trincheiras, aspiravam voltar ao seu lar. De fato, à medida que a guerra se eternizava, o estado de espírito dos soldados tornava-se sempre menos conformista.

Os soldados-camponeses não entendiam por que estavam sendo arrancados da terra que os alimentava. As suas mulheres e as suas mães escreviam cartas nas quais se queixavam da vida difícil no campo esvaziado da sua população masculina. De modo que quando a revolução de Fevereiro começou nas longas fileiras das pradarias de Petrogrado, os soldados, na frente, já estavam maduros para apoiá-la.

Se, nas cidades, a revolução de Fevereiro fazia nascer um certo patriotismo, em diversas camadas da *intelligentsia* – agora sabemos porquê e para quem derramamos o nosso sangue, vamos defender a nossa Rússia, a Rússia democrática, diziam – esses sentimentos pareciam ausentes nos soldados-camponeses após três anos de guerra, todos sonhavam em voltar para a sua aldeia e partilhar as terras da nobreza para com a qual eles tinham mais hostilidade do que para com os Alemães e os Austríacos.

Este sentimento era irresistível e o soldado russo sob o seu sobretudo do Exército participava de coração à implementação da nova ordem das coisas, era para a paz imediata e não esperava a ordem de desmobilização para voltar à sua casa. Era a mesma coisa pela partilha imediata das terras. Desde o verão de 1917, os marinheiros do Báltico enviavam os seus representantes em todos os cantos do país para realizar esta partilha. Os soldados e os marinheiros também enviaram os seus representantes aos soviets dos camponeses. Ao primeiro congresso pan-russo dos deputados rurais, realizado em Petrogrado entre o 11 e o 26 de maio 1917 foram depositadas 242 moções nas quais tratava-se da abolição definitiva da propriedade privada do solo, a terra não devendo ser nem vendida, nem comprada, nem alugada ou penhorada. Segundo essas moções todas as terras deviam ser confiscadas sem compensação, transformadas em bens nacionais e dadas em posse àqueles que as trabalhavam. Quanto ao gado localizado nas terras confiscadas, devia ser entregue sem compensação ao Estado ou às comunidades camponesas, apenas o gado dos camponeses não devia ser confiscado.

As moções camponesas pediam que todos os cidadãos desejosos de trabalhar por si mesmos tenham direito ao gozo da terra, o trabalho assalariado na agricultura devia ser proibido.

O gozo da terra devia ser igual para todos e a terra devia também ser submetida a uma redistribuição periódica para ter em conta o aumento da população. E sobretudo uma liberdade plena e completa devia ser deixada quanto à maneira de cultivar a terra, isto é, que a terra podia ser trabalhada individualmente, por família, por município, em cooperativa, conforme as decisões locais. Só os grandes latifúndios cujas terras tinham sido objeto de uma cultura racional, deviam ser entregues ao Estado.

Com base naquelas 242 moções foram redigidas as instruções gerais do *Soviete Pan-Russo dos deputados camponeses*. Essas foram publicadas no número 88 das *Izvestia* (Petrogrado, o dia 19 de agosto 1917).

Essas instruções gerais serviram de base ao decreto do 26 de outubro 1917 promulgado pelo governo soviético no rescaldo da tomada do poder. O texto desse decreto é o seguinte:

1- O latifúndio é imediatamente abolido sem compensação de nenhum tipo.

2- O latifúndio, em conjunto com todas as terras pertencentes ao Domínio, aos monastérios, à Igreja, com todo o seu gado vivo e morto, os prédios e todos os acessórios são colocados à disposição dos comitês agrários de cantão e dos sovietes de deputados camponeses de distrito, até a convocação da Assembleia Constituinte.

3- Toda depredação causada aos bens confiscados, doravante propriedade na nação inteira, será considerada como um crime entre os mais graves abrangido pelo tribunal revolucionário. Os sovietes de distrito de deputados camponeses tomarão as medidas necessárias para manter a ordem mais severa durante a confiscação dos latifúndios, para definir a superfície dos domínios que deverão ser nacionalizados e designar aqueles que devem ser confiscados, para fazer o inventário de todos os bens confiscados e montar uma guarda revolucionária das mais rigorosas à volta das explorações agrícolas entregues à nação com os seus prédios, os seus utensílios, o seu gado, as suas reservas, etc...

4- *Para realizar a grande transformação agrária, basear-se-á, na espera que a Assembleia Constituinte tenha adotado uma solução definitiva, nas instruções rurais redigidas, no espírito das 242 moções camponesas, na redação das Izvestia do Soviete Pan-Russo dos deputados camponeses e publicadas no n° 88 (Petrogrado, o 19 de agosto 1917)*

5- *A terra que pertence aos camponeses e aos cossacos que a trabalham por si mesmos não deve ser confiscada.*

OS BOLCHEVIQUES E A PARTILHA DAS TERRAS

Os bolcheviques, no seu núcleo de liderança, não eram “partilhadores”, mas por tática apoiavam quem levava os camponeses à ação direta. Entendiam que isso era o único meio de conquistar o poder. No discurso que Lênin pronunciou durante a discussão do decreto em questão, ele declarou o seguinte: *“Diz-se que o decreto assim como as instruções gerais foram redigidas pelos socialistas revolucionários. Admitamo-lo. No fundo, importa pouco quem as redigiu, mas como governo democrático, não podemos ignorar a vontade das massas populares, embora não concordemos com elas.”* (Cf. Lênin, *Obras Completas*, 2a ed., t. XV, p. 19). Num outro lugar, Lênin declarou sobre o mesmo assunto que *“esta é uma concessão que fizemos aos socialistas revolucionários de esquerda, que se recusavam a participar do governo e declaravam aceitar entrar nele apenas se essa lei fosse votada”* (Cf. Lênin, *Obras Completas*, 2a ed., t. XV, p. 39).

Quanto aos socialistas revolucionários de direita, esse grande partido dos camponeses médios, eles tentavam no verão 1917 adiar quanto à partilha das terras, declarando que essa importante questão devia ser resolvida pela Assembleia Constituinte. Assim o governo provisório estimava:

1- *Que não se podia distribuir a terra em plena guerra;*

2- *Que a reorganização da agricultura devia favorizar não só os camponeses, mas também os operários e os cidadãos;*

3- *Que este problema de importância nacional não podia ser resolvido por um governo provisório, mas pela Constituinte.*

Pelo contrário, Lênin, que tinha visto durante o verão 1917 a ousadia com que os camponeses tinham começado a partilha das terras, achou mais inteligente não se opor a isto.

Pelo contrário, como já vimos, uma vez chegado ao poder, o seu primeiro ato foi o de legalizar as partilhas espontâneas.

Quanto aos camponeses, eles tinham plena confiança nos dois partidos que tinham tomado o poder em outubro 1917 – os bolcheviques e os socialistas revolucionários de esquerda. Estes últimos reclamavam-se das antigas tradições populistas e colocavam a sua esperança na força criativa da democracia camponesa oriunda do “*mir*”. Porém, este partido ficou apenas alguns meses no poder, tendo-se separado dos bolcheviques em vários pontos de desacordo e sobretudo sobre as suas concepções de moral e da democracia revolucionárias.

Por quanto diz respeito ao cálculo estratégico de Lênin, este revelou-se certo; os camponeses que tendo recebido uma confirmação legal da partilha das terras, tornaram-se naquele momento o apoio do novo poder e contribuíram muito à sua consolidação, “... *conseguimos apoiar-nos durante alguns meses sobre o campesinato inteiro. Isto é um fato histórico. Até o verão 1918 pelo menos, até a formação dos Comitês dos camponeses pobres, podemos manter-nos ao poder porque apoiamo-nos sobre a totalidade dos camponeses*” (Lênin, *Obras completas*, 2a ed., v. XV, p. 19).

Contudo, por parte dos bolcheviques, isso é apenas uma concessão temporária. Desde a ruptura dos socialistas revolucionários de esquerda, eles sentem-se livres de conduzir uma outra política agrária. De fato, contam com a divisão do campo, com um reforço da luta dentro da aldeia.

Assim, eles consideravam como perigoso para a revolução dotar o campesinato da mesma representação nos sovietes que o proletariado, e a primeira Constituição soviética concedeu apenas uma representação limitada a um deputado por 125.000 eleitores, enquanto que os operários podiam delegar um deputado por 25.000 eleitores. Entretanto, desde que os bolcheviques tinham tomado o poder não tinha mais eleições livres e a taxa da delegação não desempenhava mais nenhum papel, mas o fato mesmo é significativo. A base do pensamento sobre a questão foi exprimida por Lênin dizendo: “... *Em outubro 1917, tomamos o poder de mãos dadas com o conjunto do campesinato. Foi uma revolução burguesa na medida que a luta de classes ainda não tinha começado no campo. É só durante o verão 1918 que uma verdadeira revolução proletária iniciou no campo. Se não tivéssemos conseguido desencadear essa revolução, nossa obra teria sido estéril. A primeira etapa foi a tomada do poder nas cidades e a introdução do sistema de administração soviético. A segunda etapa foi constituída por um ato essencial para todos os socialistas e sem o qual os socialistas não*

seriam socialistas: a diferenciação nos campos entre elementos proletários e semiproletários e a sua aliança com o proletariado das cidades para combater a burguesia rural”(Lênin, Obras completas, T. XV, p. 6, T. XVI, p. 143).

IV. DEPOIS DA TOMADA DO PODER PELOS BOLCHEVIQUES...

OS COMITÊS DOS CAMPONESES POBRES

Assim, pela astúcia e a mentira premeditadas, os bolcheviques apoderaram-se do poder e impõem a administração soviética. Para fazer o quê? O veremos mais tarde.

Em primeiro lugar, anotemos que a liquidação da propriedade fundiária tomou a forma de um movimento espontâneo das populações rurais. Os camponeses abastados tomaram uma parte ativa a essa primeira etapa da revolução agrária.

Depois da dissolução da Constituinte, foi promulgada a “*lei fundamental da terra*” no dia 19 de abril 1918. Esta lei abolia o direito de propriedade do solo, do subsolo, da floresta e das forças vivas da natureza, que se trate da grande propriedade ou do bocado de terra do pequeno agricultor. Doravante, podiam só gozar de uma terra aqueles que a cultivavam na base do trabalho igual para todos.

Segundo as informações do *Ofício Central da Administração agrária*, os camponeses da Rússia europeia que possuíam antes da revolução 94,7 milhões de deciatinas¹⁷, viram-se atribuir 21,4 milhões de deciatinas suplementares, o que aumentava o seu estoque de terra de 22,6%. Mas ao mesmo tempo, teve um êxodo maciço de habitantes das cidades em direção ao campo (havia 8 milhões de cidadãos ou semi-cidadãos retornados ao campo) que, por sua vez, exigiram um pedaço de terra. Desta forma, compartilhadas entre milhões de camponeses, as terras dominiais, por mais consideráveis que fossem, deram apenas ganhos de terras insuficientes por cada camponês (não excedendo na maioria das regiões metade de uma deciatina)¹⁸. Deve-se acrescentar que a divisão dizia respeito não apenas às terras dominiais, mas também às fazendas isoladas ocupadas por agricultores abastados.

"A reforma agrária teve sobretudo, portanto, o efeito de abolir no campo as sobrevivências do período feudal", nas palavras do comunista Messiatsev, porque na verdade, na época da reforma de 1861, a nobreza rural não manteve menos do que uma série de privilégios econômicos, bem como uma influência preponderante na administração e na

¹⁷ Deciatin: 1 ha 0925.

¹⁸ Knipovitch, «*Três anos de atividades do Comissariado para a Agricultura*», 1917-1920, Moscou.

representação do campo. Em outubro de 1917, o poder da nobreza foi definitivamente abolido.

O COMUNISMO DE GUERRA NO CAMPO

Enquanto durante os oito meses de sua existência, o Governo Provisório havia gerado rendimento, para as necessidades do exército e do país, de uma média mensal de 738 mil toneladas de trigo, após a revolução de Outubro, o ritmo desses, foi o seguinte em milhares de toneladas: novembro de 1917, 641; Janeiro de 1918, 136; Maio 1918, 3; Junho de 1918, 2.

Após junho, o rendimento parou. Eles tinham diminuído à medida que o governo soviético tinha aumentado seu controle sobre o Ministério da Alimentação, criado pelo Governo Provisório.

No dia 21 de dezembro, os comissários do povo Sverdlov e Schlikhter ordenaram telegraficamente a todos os soviets locais de formar comissões de abastecimento. Eles tinham que assumir o controle imediato dos serviços de abastecimento, esses serviços criados pelo Governo Provisório deviam ser dissolvidos. O rendimento de trigo caiu imediatamente, como já dissemos acima. Apesar da existência de grandes reservas de trigo no país, a fome se espalhou para os principais centros industriais, como Petrogrado, Moscou e outras cidades fora das Terras Negras.

Em junho de 1918, Lênin constatava "*Pitier (Petrogrado) e Moscou e dezenas de distritos estão com fome e são atormentados pelo tifo devido à desnutrição e fome, dezenas de milhares de trabalhadores e camponeses russos estão perecendo*". Mais tarde, Lênin disse: "*Os sacrifícios que a classe trabalhadora e os camponeses sofreram naquela época foram, digamo-lo, sobre-humanos. Em nenhum momento a classe trabalhadora tinha experimentado uma fome comparável à que experimentou durante os primeiros anos de sua ditadura*" (Lênin, Obras Completas, T. XV, p. 283, 316, 176).

Contudo, havia cereais no país, mas eles não chegavam aos cidadãos. O comércio privado foi abolido e os serviços de fornecimento já não funcionavam. Foi neste momento que apareceram os "mechotchnikis", isto é, mulheres e homens que iam por caminho-de-ferro no campo para comprar produtos alimentícios. Mas Lênin e os outros líderes do bolchevismo não queriam reconhecer que a fome era causada por suas políticas; em discursos oficiais, eles

acusavam a "guerra imperialista" de ter provocado uma "calamidade mundial" (ver Lênin, Obras Completas, T. XV, p. 305, 307, 312, T. XVI, p. 372).

A política alimentar do poder soviético foi definida pelos decretos de 13 de maio e 11 de junho de 1918 e 2 de abril, nos dias 6 e 20 de agosto de 1918 e 11 de janeiro de 1919.

O Decreto do 13 de maio de 1918 fazia vigorar a Lei sobre o monopólio do trigo, promulgada no dia 26 de março de 1917 pelo Governo Provisório, e que nunca tinha sido aplicada, nem mesmo pelo Governo soviético, até o dia 13 de maio de 1918. A lei exigia que cada produtor de trigo declarasse dentro de uma semana e cedesse ao Estado, aos preços decretados pelo Governo, as quantidades de cereais que excediam suas necessidades até a nova colheita de acordo com os padrões oficiais para consumo e sementeira.

O decreto convidava todos os camponeses trabalhadores e não proprietários a se unirem imediatamente para lutar contra os *kulaks* que tinham milho e não o entregavam; este mesmo decreto os declarava inimigos do povo, que tinham que ser mandados à prisão por pelo menos dez anos, ordenava a confiscar o milho e expulsar os donos de cereais da comunidade camponesa. Em caso de resistência durante as requisições, o decreto autorizava o uso da força armada.

No dia 11 de junho de 1918, foi publicado um decreto sobre "*A Organização dos Camponeses Pobres e o Abastecimento destes em Trigo, Artigos Básicos e Instrumentos Agrícolas*". O propósito deste decreto era a organização de comitês dos camponeses pobres que deviam assistir os serviços de abastecimento, forçando os camponeses a entregar seus excedentes de cereais e, ao mesmo tempo, distribuir o trigo, os objetos de primeira necessidade e instrumentos agrícolas. Estes deviam ser entregues pelo Estado em compensação pelo trigo entregue ao fornecimento. Mas nas instruções que acompanhavam o decreto, era dito que "*a entrega direta de mercadorias para as empresas agrícolas não é permitida em nenhuma circunstância. Os bens deveriam ser distribuídos entre a população necessitada dentro da organização do cantão e do rayo, para encorajar os camponeses que não têm trigo a pressionar aqueles que têm para forçá-los a entregá-lo*".

Os comitês dos camponeses pobres foram impotentes para coletar trigo suficiente. Então, Lênin apelou aos trabalhadores para organizar uma "cruzada" do trigo. Assim, nasceram os grupos de abastecimento móveis, formados por voluntários recrutados de trabalhadores e camponeses legalistas, membros dos comitês dos pobres.

No 27 de junho, o *Conselho dos Sindicatos operários de Moscou* nomeou uma comissão militar de fornecimento, mais tarde convertida em um *Gabinete Militar de Fornecimento*, junto do *Conselho Pan-Russo e moscovita dos Sindicatos*. No 6 de agosto, foi publicado um decreto sobre a organização dos grupos móveis de operários e camponeses pobres encarregados de visitar as regiões produtoras.

O dia 20 de agosto foram publicadas as instruções aos grupos móveis. De acordo com estas instruções, cada grupo móvel devia ser composto de pelo menos 75 homens e dispor de três metralhadoras.

A ligação entre os grupos devia ser assegurada pela cavalaria. Um comissário político que chegava a uma aldeia com seu grupo móvel tinha que reunir todos os camponeses pobres e convidá-los a formar um comitê para coletar o trigo e controlar sua distribuição ao mesmo tempo que selecionava artigos manufaturados entre os necessitados. O *Comitê dos Pobres*, juntamente com o Comissário Político, ordenava, depois, que a população entregasse todas as armas em sua posse, algumas das quais eram entregues ao novo Comitê. Uma parte do trigo colhido permanecia no local para ser distribuído, o restante teve que ser enviado para os centros de coleta.

OS FUNDAMENTOS SOCIALISTAS SEGUNDO LÊNIN

No VIº Congresso dos Sovietes, Lênin observou que "*a revolução de Outubro, tal como foi realizada nas cidades, foi no campo uma verdadeira revolução de Outubro apenas no verão e no outono de 1918*" (Lênin, Obras Completas, T. XV, p. 500). Quanto ao decreto de fornecimento, Lênin escreveu: "A colheita do trigo deve ser a base de nossa atividade. Deve ser realizada até o fim. Somente é quando tivermos resolvido esse problema e, assim, construído os fundamentos socialistas que poderemos construir sobre eles o belo edifício do socialismo que mais de uma vez tentamos construir e que, mais de uma vez, se desmoronou" (Lênin, Obras Completas, T. XXIV - pp. 569-570).

A gente pensa em sonhar enquanto lê estas linhas insensatas. Ele realmente acreditava que era possível construir qualquer tipo de regime - nem vamos falar de socialismo - em requisições puras e simples dos frutos do trabalho dos camponeses?

Na realidade, a situação do proletariado e, em geral, da população urbana era muito séria e as requisições podiam ou mesmo ser impostas, a fim de poupar até mesmo

temporariamente a situação, mas de qual socialismo tratava-se naquele trágico estado de coisas que Lênin propôs como sistema?

Acreditamos que as gerações que viveram depois de Lênin têm o direito de fazer essa pergunta para aqueles que se apresentam como seus sucessores.

No entanto, entre as medidas tomadas para garantir o fornecimento, nem a colheita do trigo como imposto, nem as trocas deram resultado. O primeiro por causa da desvalorização quase completa do rublo, o segundo devido à pequena quantidade de bens industriais que foi distribuída no campo e nem sequer cobriu 20% dos produtos agrícolas que a tributação forçada tornou possível recuperar. *"Esta distribuição foi feita individualmente, sem qualquer correlação com as quantidades de trigo entregues. Favoreceu aqueles que produziram menos e entregaram ainda menos"* (ver Frumkin, *"Troca, Cooperação, Comércio"*, Moscou, 1921, p. 7-8).

Os comitês dos camponeses pobres foram pouco eficientes em termos de abastecimento. Reforçados pelos refugiados das regiões consumidoras, eles tentaram, no outono e no inverno, redistribuir em seu proveito as terras, a pecuária, as ferramentas e as reservas de trigo, apropriando-se de todos os artigos destinados à troca. Frequentemente, eles conservavam o trigo retirado dos cultivadores e não enviavam nada às cidades famintas, de modo que o VIº Congresso dos Sovietes (6-9 novembro de 1918) teve que dissolvê-los como agências estatais no território da RSFSR (República Socialista Soviética da Rússia) e restaurar nos seus direitos os soviets rurais. Mas na Ucrânia, em uma forma um tanto diferente, continuaram a existir mesmo sob a NEP (Nova Política Econômica) e não foram reorganizados até 1925.

Quanto aos grupos móveis de abastecimento, eles eram os únicos a dar um resultado positivo. Em 1918-1919, o exército de abastecimento teve uma força de trabalho que, de acordo com as necessidades da hora, evoluía entre 20.000 e 45.000 homens. No relatório do Comissariado de Fornecimento para 1918-1919, encontramos a seguinte avaliação dos resultados obtidos: *"Todos os relatórios das comissões de abastecimento provinciais concordam que as entregas voluntárias de trigo foram quase nulas, e que foi apenas nos países onde os grupos de abastecimento móveis operaram que os excedentes de trigo foram registrados e recolhidos "e" em geral, os comitês provinciais de fornecimento informavam que no futuro, não será possível exercer o monopólio do trigo sem a assistência das tropas de*

fornecimento organizadas e estritamente disciplinadas "(Segundo Ano da Luta contra a Fome, Moscou, 1919)¹⁹.

FOME GERAL E DESÂMPARO CAMPONÊS

Esses grupos móveis, os "*prodotriady*", foram dissolvidos por uma ordem do *Conselho de Trabalho e Defesa* do dia 21 de abril de 1920. A partir de então, o uso da força para cobrar excedentes e direcionar represálias contra os "*mechotchnikis*" foi confiado às tropas especiais da Cheka.

A própria natureza das atividades dos *Comitês dos Camponeses Pobres* atraiu os elementos duvidosos da campanha e muitas vezes os bêbados crônicos. Esses elementos, por seus métodos injustos, contribuíram fortemente para manter a atmosfera da guerra civil nas aldeias com todos os horrores que se seguiram. Deve-se lembrar que esses Comitês tinham o direito de reservar parte do grão requisitado, bem como dos bens industriais vindos das cidades. Eles estavam, portanto, interessados em extrair o maior número possível de grãos dos camponeses, sem relação com as possibilidades reais dos agricultores e sem levar em conta suas necessidades alimentares ou as reservas para semeadura.

A primeira consequência desses fatos foi a redução considerável das áreas semeadas.

No entanto, o Estado continuava a bombear alimentos no campo para abastecer as cidades e o exército, sem dar nada em troca. Assim, em 1920-21, o Estado abasteceu 5.600.000 quintais de cereais em vez de 800.000 em 1918. Conseqüência: no outono de 1921, as províncias do Leste, do Volga, da Ucrânia foram atingidas por uma fome espantosa que custou milhões de vidas de camponeses.

As requisições também foram realizadas por destacamentos compostos de membros do partido das cidades, que atraíam um ódio feroz dos camponeses e os assassinatos dos homens desses destacamentos eram frequentes.

Havia também naquele momento destacamentos de barragens em torno das cidades, cuja função era requisitar as provisões que os habitantes da cidade traziam consigo em sacas, como resultado do escambo contra objetos manufacturados. Esse escambo desempenhava um

¹⁹ Citado segundo a *História econômica da U.R.S.S.* de Serge Prokopovitch.

papel considerável e era muitas vezes o único meio de abastecer as cidades. Esses destacamentos também atraíam o ódio para eles das cidades como das aldeias.

Em geral, durante o período da guerra civil, os camponeses da classe média, os chamados "*seredniaks*", não sabiam por onde se dirigir, estavam contra os brancos, porque eles favoreciam os proprietários que retomavam as terras anteriormente compartilhadas. E os vermelhos enviavam destacamentos para requisitar comida. O que tinha que fazer? Muitos jovens camponeses estavam travando uma guerra de partidários contra uns e outros. Certos movimentos partidários tinham um caráter claramente político, como o da província de Tambov, liderada por um socialista-revolucionário, Antonov, ou o da Ucrânia liderado pelo anarquista Nestor Makhno.

O governo soviético lutava militarmente contra os partidários sem levar em consideração as reivindicações camponesas que tinham gerado esses movimentos. Mas, alertado pela fome e a insurreição de Kronstadt (os marinheiros rebeldes haviam incluído em suas reivindicações a supressão imediata de todos os destacamentos de barragem e a concessão aos camponeses de total liberdade de ação em suas terras, bem como o direito de ter gado que teriam que cuidar eles mesmos sem usar o trabalho dos funcionários), Lênin aboliu abruptamente as requisições, devolveu aos camponeses a liberdade de vender seus produtos, sob condição de pagar ao Estado um imposto. Esta foi a N.E.P. ou a *Nova Política Econômica*.

V. A NOVA POLÍTICA ECONÔMICA...

Que a decisão de Lênin de introduzir a nova política econômica foi abrupta também é provado pelo fato de que, em 11 de outubro de 1920, foi publicado um decreto que ordenava o fornecimento gratuito de todos os produtos distribuídos pelo Estado, bem como de todos os serviços de que beneficiam os indivíduos e empresas estatais. Por outro lado, em 3 de fevereiro de 1921, o Presidium²⁰ do *Comitê Executivo Central Pan-Russo* apresentou para ratificação na sessão de março deste Comitê um projeto de lei que eliminava a nível local e nacional todos os impostos e contribuições pagáveis em dinheiro. Contudo, seis semanas depois, o orçamento total do país inteiro era baseado nos impostos pagos em dinheiro.

Em seu discurso do dia 15 de março de 1921, no Xº Congresso do Partido realizado no meio da insurreição de Kronstadt, Lênin dizia: "*A colheita obrigatória implicava a requisição de todos os excedentes de produtos agrícolas e o estabelecimento de um monopólio para todos esses produtos. Nós não podíamos fazer de outra maneira, acuados como estávamos pela necessidade. Teoricamente, não somos obrigados a admitir que um monopólio de Estado seja a melhor das soluções do ponto de vista do socialismo*". Lembremos o que o mesmo Lenin disse sobre as colheitas de Estado como base do socialismo! Mas não era contra uma contradição a mais.

No mesmo discurso ao X Congresso, Lênin também declarou que "*como medida de transição em um país agrário, com uma indústria que funciona e dá uma certa quantidade de bens, pode-se muito bem recorrer ao empréstimo e deixar os produtos circularem livremente. Esta livre circulação estimulará os camponeses. O agricultor pode e terá que cuidar de seus próprios interesses, uma vez que nem todos os excedentes serão retirados dele e ele simplesmente será obrigado a pagar um imposto, cujo montante, na medida do possível, será fixado antecipadamente. O essencial é que haja nisso um estímulo para o pequeno agricultor. Devemos organizar, dizia Lênin, o nosso sistema econômico para poder adaptá-lo à mentalidade do camponês médio que não conseguimos transformar em três anos e que não transformaremos em dez anos*".

No mesmo discurso, Lenin faz a pergunta: "*O que é a liberdade das trocas?*" E responde que "*a liberdade das trocas é a liberdade de comércio e que a liberdade de comércio é o retorno ao capitalismo. A liberdade das trocas e o comércio livre significam que os pequenos agricultores podem trocar entre eles*" (Lênin, T. XVIII, 1º p. pp.128-129).

²⁰ Órgão do Soviete Supremo que exercia o poder na URSS.

Durante o Décimo Primeiro Congresso do Partido em 1922, Lênin falou da seguinte maneira da *Nova Política Econômica*: "*Nosso objetivo é provar ao camponês que sabemos como ajudá-lo, que os comunistas nesta hora crítica para o pequeno cultivador empobrecido e arruinado, ajudam-no praticamente. Nós o provaremos para ele ou ele nos enviará ao diabo*" (Lênin, Obras Completas, T. XVIII, 1ª p., pp. 26-28).

Para Lênin, naquela época, o essencial era dar aos camponeses o direito de dispor do produto de seu trabalho e vender seus excedentes livremente ao mercado, porque estava convencido da natureza capitalista deles, ele achava necessário excitá-los a produzir bens e cereais, para poder alimentar os trabalhadores das cidades que eram essenciais para a manutenção e a consolidação do seu regime.

No projeto inicial de Lenin, as empresas camponesas podiam negociar localmente (dentro dos limites de uma província), trocar produtos agrícolas por produtos manufaturados. E, no início, Lenin e o Partido atribuíam grande importância a essas restrições. Mas desde novembro de 1921, Lenin escrevia: "*... pensávamos que nossos problemas se concretizariam sob a forma de uma troca de bens ... Tínhamos a intenção de proceder de forma mais ou menos socialista em todo o país, a uma troca de produtos industriais para produtos agrícolas e de reconstruir por meio dessas trocas a grande indústria, única base da organização socialista*". E Lênin reconhece mais longe ainda que "*a troca dos bens falhou; falhou no sentido de que se transformou em uma transação de venda e compra ... A troca de produtos não deu nada, o mercado privado se mostrou mais forte do que nós e, em lugar dessa troca, tivemos operações ordinárias de venda e compra, ou seja, um comércio*" (Lenin, Obras Completas, T. XVIII, 1ª p., pp. 366-379).

APÓS A DESTRUIÇÃO DAS COOPERATIVAS

Aqui Lenin faz determinadas observações, esquecendo de dizer que previamente foram destruídas no campo autênticas organizações cooperativas que existiam antes da Revolução de Outubro, e que poderiam eventualmente ter realizado essas trocas.

Na verdade, as cooperativas independentes já não existiam no momento da introdução da *Nova Política Econômica*, bem como não havia mais organizações políticas ou sindicatos livres. Naquelas condições, princípios e processos do capitalismo tinham mais facilidade para reimplantar-se. Também deve notar-se que em nenhum momento a N.E.P. teve o

complemento de organizações de defesa da classe trabalhadora ou dos camponeses laboriosos. E certamente não foi a N.E.P. que os marinheiros revoltados de Kronstadt ou os trabalhadores em greve das cidades industriais exigiam na véspera da sua introdução.

No entanto, tendo reconhecido que o comércio tinha falido, o então governo soviético estava tentando dirigir o comércio interno. O presidente do *Conselho Superior da Economia Nacional*, Rykov, disse em seu discurso no 6º Congresso Pan-Russo dos Conselhos Econômicos que o imposto em espécie era uma imposição sobre os camponeses apenas de uma parte e, na medida do possível, uma pequena parte, de seus produtos em benefício do Estado, sendo o resto dos produtos deixados em sua posse, com o direito de aproveitá-los como queriam. "*Esta é uma propriedade no sentido burguês do termo, que deve levar ao desenvolvimento legal da burguesia sobre a base econômica que será criada no campo, uma vez efetuado o levantamento do imposto em espécie*" (A.I. Rykov, "Discurso pronunciado no quarto Congresso da Economia Nacional", pp. 3-4).

Por outro lado, o código rural de 1922 pôs termo à redistribuição de terras entre cantões e assentamentos rurais (artigo 141-142), limitou a frequência das partilhas (artigo 121), reconheceu o direito de propriedade dos camponeses sobretudo os que se comprometiam a fazer para melhorar a sua cultura (seções 118, 119, 131) e os deixou livres para escolher a forma que lhes servia para explorar suas terras (seções 90, 91, 134, 135, 136).

VI. A COLETIVIZAÇÃO FORÇADA...

A nova política durou de 1921 até 1928-1929. Essa acabou com a fome e deu um grande impulso ao campo. Em 1928, a área plantada e a produção agregada da agricultura excederam as de 1913. No entanto, a produção de cereais ainda estava abaixo dos níveis anteriores à guerra, enquanto a população do país estava prestes a recuperar o nível pré-guerra. Além disso, a revolução agrária reduziu a metade a parte mercantil da produção de cereais, pois antes da guerra eram as fazendas dominiais e as dos camponeses ricos que produziam cereais para venda ou exportação. Mas essas fazendas já não existiam, e os camponeses que tinham recebido a terra compartilhada entendiam consumir mais do que antes da revolução, enquanto os cereais quase sempre faltavam desde a primavera. Além disso, a diferença entre os preços agrícolas e os dos produtos manufaturados aumentou. Esse fenômeno foi denominado por Trotsky de "tesoura". O partido e o país eram profundamente interessados nesse fenômeno. Os camponeses achavam que para comprar um par de botas, por exemplo, tinham que carregar muito grão na cidade.

Os bolcheviques que haviam decretado a divisão das terras, apesar de ser contra sua vontade e suas convicções estavam agora procurando um pretexto para retomá-las. O fato de que os suprimentos alimentares haviam diminuído acentuadamente no final de 1927, e que o abastecimento das cidades se tornando difícil, forneceu esse pretexto. Assim, a palavra de ordem da coletivização foi lançada no 15º congresso do partido em dezembro de 1927.

Já em maio de 1928, Stalin ressaltou que "*o motivo das dificuldades no fornecimento de cereais deve-se ao fato de que o aumento da produção de trigo comercializável ocorre na Rússia mais devagar do que o desenvolvimento do consumo. Isto é explicado sobretudo pelas mudanças na estrutura da nossa agricultura após a Revolução de Outubro e pela passagem da empresa dominial e da dos "kulaks" que abasteciam a maior parte do mercado de trigo, para a pequena e média empresa camponesa que dava o mínimo*". De lá, Stalin deduzia que "*para sair dessa situação, é preciso passar da empresa camponesa individual para a empresa agrícola coletiva*" (Stalin, "*Na frente do trigo*", Pravda, 2 de junho de 1928).

Para a colheita de 1928, o governo tomou medidas extraordinárias: aplicou o artigo 107 do Código de Instrução Criminal²¹ aos agricultores ricos que não entregavam o seu trigo,

²¹ Segundo o artigo 107 do Código de Instrução criminal da R.S.F.S.R. todo aumento fraudulento devido ao acúmulo, ocultação ou detenção de bens é punido com pena de prisão por até um ano com ou sem confisco de qualquer ou uma parte da propriedade do delinquente.

requisitou cereais com desconto de 25% para agricultores pobres, assim como se fazia durante a guerra civil.

Assim, lemos na revisão "StatisticheskoyeObozrenie", de maio de 1930, página 32, que *"a coleta de trigo foi realizada em parte em 1927-28 por meio do constrangimento"*. Por outro lado, em alguns lugares foram introduzidas cartas de racionamento, em outros, como no norte do Cáucaso, camponeses pobres foram mobilizados.

Em 26 de junho de 1929, foi emitido um decreto que modificava o artigo 61 do Código Penal e, na sua nova redação, este artigo previa, por recusa de pagamento de uma taxa ou execução de uma tarefa pública, uma multa de até cinco vezes o montante da taxa; no caso de uma segunda infração, o infrator estava sujeito a um período de trabalho forçado de até um ano. Ao mesmo tempo, foi promulgado outro decreto, que citamos em sua totalidade: *"Concedendo às inúmeras exigências das massas de camponeses pobres e médios que vivem nas regiões de cultivo de trigo, e com vista a conter os especuladores Kulaks, o Comitê Executivo Central da Rússia e o Conselho dos Comissários do Povo da R.S.F.S.R. decretam:*

1- Nos casos em que a Assembleia Geral de todos os cidadãos da mesma aldeia tomou a decisão, comprometendo toda a aglomeração, de executar um plano de arrecadação de trigo e quando as taxas cobradas nas diferentes empresas agrícolas foram alocadas, os soviets rurais podem impor administrativamente aos cultivadores que não cumprem as decisões tomadas ou se recusam a entregar a quantidade de trigo fixada, multas de até cinco vezes o valor da entrega não realizada e conduzir, quando necessário, o leilão da propriedade do delinquente.

2- No caso de um grupo de empresas agrícolas se opor à execução do plano de cobrança, recusando-se a entregar o trigo que lhes é exigido, os soviets rurais estão autorizados a agir contra os infratores nos termos do terceiro parágrafo do artigo 61 do Código Penal da R.S.F.S.R.

3- Sobre o montante das multas impostas nos termos deste decreto, igualmente sobre os montantes cobrados durante a venda do imóvel em leilão, será realizada uma dedução obrigatória de 25% e paga aos fundos de cooperação e coletivização dos camponeses pobres da dita localidade ".

Para aumentar as entregas, o governo também decidiu aumentar as fazendas do Estado. Em abril de 1928, o *Politburo*, e em julho o Comitê Central, decidiram organizar dentro de quatro a cinco anos na R.S.F.S.R. e na Ucrânia, fazendas de trigo estatais de grande porte tendo em vista obter uma produção anual de 1,64 milhões de toneladas de trigo mercantil. De acordo com as cifras de 1937, as fazendas possuíam 51,1 milhões de hectares.

MEDIDAS ECONÔMICAS E METAS POLÍTICAS

Além disso, deve-se acrescentar que, fora do propósito econômico, o governo também perseguia um objetivo político. De fato, durante a N.E.P., o campesinato tinha consolidado fortemente sua posição econômica e, em geral, melhorado sua posição. Ele começou a se preocupar em melhorar sua situação política, não querendo ficar em uma posição de segunda classe. Por outro lado, os bolcheviques, para quem o campesinato sempre permanecia uma classe destinada a desaparecer no futuro, temiam esse despertar político dos camponeses, mal esboçado. Deve lembrar-se que durante esses poucos anos, as crianças mais capazes dos camponeses haviam ido às cidades para acessarem à instrução. Esta juventude camponesa deu importantes representantes à ciência e à literatura. Alguns ainda estão tentando abrir a boca para defender o resto do campesinato do país. (Ver artigo de "*Litératournaïa Gazeta*" de 1 de novembro de 1967, sobre a história de Alexandre Yachine "*Um Casamento na Comunidade Vologdien*").

Já dissemos que a palavra de ordem da coletivização foi lançada no XVº Congresso (dezembro de 1927) quando apareceram os primeiros sintomas da crise alimentar. O Congresso decidiu que: "*Ao enfatizar que essa transformação só pode ser realizada com o consentimento dos trabalhadores rurais, o partido reconhece a urgência de propaganda generalizada para demonstrar às massas camponesas a necessidade e a vantagem que há para elas se moverem gradualmente para a grande exploração coletiva*".

As grandes linhas políticas e sociais da coletivização em massa foram decididas na Assembleia Plenária do Comitê Central que se realizou em 17 de novembro de 1929. A assembleia decidiu que "*o partido devia, por uma ação persistente e sistemática agrupar os trabalhadores agrícolas e camponeses pobres nas fazendas coletivas ... Aumentar por todos os meios a participação e a influência direcionadora dos elementos proletários das cidades e dos elementos proletários e semiproletários do campo no movimento de coletivização, é a*

principal tarefa das organizações do partido". O Comitê Central estimava que pelo menos 25 mil trabalhadores deviam ser enviados para o campo, com experiência suficiente no campo da política e da organização. "Os sindicatos tinham que participar ativamente da escolha desses trabalhadores designando os elementos mais ativos", afirmava a resolução.

No dia 27 de dezembro de 1929, Stalin disse à Conferência dos Agrários Marxistas que o governo havia se mudado da política de restrição da atividade dos kulaks a uma política de liquidação completa deles enquanto classe (relatório da primeira conferência pan-soviética dos agrários marxistas, T. 1, Moscou, p. 446).

No dia 5 de janeiro de 1930, o partido tomou uma decisão nesse sentido. Em 10 de fevereiro de 1930, o governo autorizou as autoridades executivas dos distritos e regiões a aplicar *"todas as medidas que julguem úteis para combater os kulaks até e inclusive o confisco total de seus bens e a expulsão desses elementos de determinados distritos e regiões; os bens confiscados deviam ser transferidos para os fundos inalienáveis das fazendas coletivas para cobrir os direitos de afiliação dos camponeses pobres e trabalhadores agrícolas aos kolkhozes"*.

DA COLETIVIZAÇÃO À FOME

Trinta e cinco anos depois, lemos na *"Literatournaya Gazeta"* do dia 22 de maio de 1965 em um artigo de um tal Litvinov que o "vigésimo congresso do partido nos abriu os olhos para muitas das desgraças dos últimos anos, inclusive nossas falhas, nossas desnaturações que acompanharam a coletivização - essa gigantesca transformação de toda a estrutura secular da Rússia camponesa. Sobre esse período, diz o autor, escrever-se-ão (e já se escreve) novos livros, descrevendo novos detalhes e com eles novas cicatrizes - traços das velhas feridas".

Para entender melhor o que foi a coletivização na Rússia, vejamos primeiro o que é um *"kulak"*.

Na Rússia, que acabava de se libertar da servidão, eram conhecidos como kulaks os camponeses, que se enriqueciam ao explorar os pobres e infelizes que não tinham dinheiro para pagar os direitos de propriedade da terra recebida após a libertação.

Na Rússia soviética, não havia definição legal de kulak. Contudo, foi a grande massa dos camponeses que produziam trigo para venda e alimentação dos cidadãos que foi colocada na lista dos kulaks. Os resultados previsíveis dessas medidas foram trágicos.

Na revista "*Na agrarnomefrontié*" (Na Frente Agrária) descobrimos os processos utilizados em 1929-1930 para "*deskulakizar*" os camponeses:

1- Confisco de meios de produção pertencentes a empresas agrícolas reconhecidas como empresas "*kulaks*".

2- Confisco de todos os ativos líquidos dessas empresas.

3- Confisco de moradias e dependências das empresas "*kulaks*", incluindo móveis e reservas alimentares.

4- No que diz respeito a certos kulaks, medidas de proscricção devem ser aplicadas: expulsão da aldeia, expulsão do "*raio*"²² e transferência de expulsos para o Norte, a Sibéria e o Extremo-Oriente.

As medidas de deportação também podem afetar somente os chefes de família, ou mesmo só as famílias sem o chefe, quando este foi preso por atos contrarrevolucionários ("*Na agrarnomefrontié*", maio de 1930, p. 86).

A coletivização das principais áreas produtoras de cereais, como o baixo Volga e o Cáucaso do Norte, devia ser concluída no outono de 1930 ou na primavera de 1931. Nas outras regiões, tinha que ser completada no outono de 1931 ou na primavera de 1932. Desde junho de 1929, o governo chamou a atenção para a importância particular da organização de grandes fazendas coletivas. Ao mesmo tempo, as fazendas coletivas foram obrigadas a entregar ao Estado e ao imposto a parcela mercantil de seus excedentes. Os dados abaixo mostram o ritmo da coletivização:

- 1928 1º de julho 1,7% das empresas coletivizadas,
- 1929 1º de julho 3,9% das empresas coletivizadas,
- 1º de outubro de 1929, 4,1% das empresas coletivizadas,
- 1930 20 de janeiro 21,0% das empresas coletivizadas,

²² *Raio*: subdivisão administrativa equivalente cerca do antigo distrito.

- 1930 10 de março 58,0% das empresas coletivizadas.

Os camponeses coletivizados pela força, não quiseram dar o gado às fazendas coletivas (kolkhozes) e começaram a matar esse gado, o que teve consequências catastróficas para o rebanho. Se em 1929 os camponeses possuíam 34 milhões de cavalos, em 1933 tinham apenas 16,6 milhões.

O mesmo resultado para as vacas, 68,1 milhões em 1929, seu número caiu para 38,6 milhões.

Essas consequências da coletivização forçada obrigaram temporariamente o governo a revisar e esclarecer suas diretrizes. Em 15 de março de 1930, o Comitê Central reconheceu que *"o princípio da adesão voluntária ao kolkhoz tinha sido violado. Em muitos "raios", a adesão voluntária é substituída pelo constrangimento e pela ameaça de ser atingido por medidas de "deskulakização", ou mesmo por ser privado de direitos civis, etc. O resultado é que entre os deskulakizados às vezes encontramos camponeses médios e até camponeses pobres"*. O mesmo documento nos diz que *"Paralelamente, em uma série de "raios", a preparação da coletivização e a exposição paciente da política do Partido para os camponeses pobres, bem como para os camponeses médios estão sendo substituídas por medidas burocráticas decretadas por cima"* e *"ao mesmo tempo que essas distorções da política do Partido, há em certas áreas casos inadmissíveis e prejudiciais de coletivização forçada de habitações, pequenos animais, aves de capoeira, vacas pertencentes aos kolkhozianos, bem como o fechamento dos mercados públicos em muitos lugares, fechamento que levou a uma agravação no fornecimento das cidades"*.

Assim que esta decisão foi conhecida, registrou-se temporariamente uma diminuição rápida no número de fazendas coletivas criadas pela força. Assim, em março de 1930, havia 58% de empresas coletivizadas, em abril de 1930: 37%, em maio de 1930: 28%, em setembro de 1930: 21%.

Como evoluíram as empresas individuais? No momento da formação das fazendas coletivas, as terras situadas perto das aglomerações rurais foram incluídas nos domínios kolkhozianos; os agricultores individuais receberam terras no final dos domínios e daquelas de baixa qualidade. Além disso, seus direitos econômicos eram mais limitados do que os dos kolkhozianos. Assim, no órgão do Instituto Agrário da Academia Comunista, há um artigo de Kirov no qual a concepção oficial dos direitos do cultivador individual (*"Na*

agrarnomefrontié", dezembro de 1934, p. II): *"E agora que estamos comprometidos com a coletivização, devemos realizá-la a 100% e não deixar as coisas demorarem. Para acabar com esta tarefa, é de suma importância que os kolkhozianos tenham uma vantagem sobre os agricultores individuais para que estes últimos vejam nos kolkhozes o único meio de garantir uma vida melhor. É necessário organizar a vida do kolkhoz de tal forma que se possa, desde o início, distinguir entre um kolkhoziano e um não-kolkhoziano e que cada kolkhoziano tenha sempre o sentimento de sua superioridade sobre o cultivador individual"*.

Por volta de 1938, a coletivização forçada tinha resultado na liquidação quase completa de empresas individuais. Se em 1928 houve 1,7% das empresas coletivizadas, em 1938 havia 93,6%. Uma grande parte dos camponeses pereceram. Outra parte, arruinada e expulsada do campo pela política de coletivização, aumentou as fileiras do proletariado industrial²³.

A partir de 1929, o problema da coleta de grãos está no centro das preocupações do governo. No XVIIIº congresso do partido, Stalin observava que o aumento considerável da parte mercantil é a "característica principal da produção nas fazendas coletivas" (Stalin, Relatório sobre a atividade do Comitê Central no XVIII Congresso do Partido, 1939).

O preço ao qual a coleta se fazia era extremamente baixo, o centeio era coletado ao preço de 6,4 kopecs e era vendido no comércio até 250 kopecs por quilo.

As entregas ao Estado absorveram todos os excedentes, bem como cereais destinados ao consumo dos camponeses, à forragem para o gado, e trouxeram em 1932 uma verdadeira fome que continuava furiosa em 1933.

Mas foi apenas bem mais tarde que Khrushchev reconheceu isso, acrescentando que naquele momento ninguém pensou em comprar trigo no exterior para ajudar os famintos. Ele dizia a verdade. Não só não se enviava trigo para os camponeses, mas era proibido falar sobre esta situação e na imprensa da época não contém nenhum vestígio disso²⁴.

²³ A coletivização forçada custou milhões de vidas humanas. Esta cifra, estimada por diferentes fontes, varia de 5 a 20 milhões, provavelmente cerca de 12 a 15 milhões, ou seja, tanto quanto custou para a U.R.S.S. a segunda guerra mundial.

²⁴ Deve-se notar que, até hoje, a U.R.S.S., apesar de seus territórios imensos, não conseguiu atender às suas próprias necessidades de cereais e alimentos por causa da organização burocrática, autoritária e arbitrária da vida camponesa, não só não está envolvida na luta contra a fome no mundo, mas compra grão fora, reduzindo assim as reservas mundiais disponíveis.

VII. A OPOSIÇÃO À COLETIVIZAÇÃO...

No entanto, não se deve esquecer, ao falar da atitude do partido em relação à coletivização, que esse partido não era unânime sobre esse assunto. Pelo contrário, pode-se dizer que nenhum outro problema provocou tantas divergências como a Questão Agrária.

Assim, nas resoluções do Comitê Central e da 14ª Conferência de abril de 1925, lemos: "*Os problemas econômicos essenciais para o campo consistem, no presente período, em encorajar e restabelecer a massa de fazendas camponesas desenvolvendo a circulação comercial*".

No mesmo ano, no dia 22 de março de 1925, Kalinin escreveu nas "*Izvestia*": "*Hoje, podemos falar do kulak como um estrato social somente se considerarmos que todo fazendeiro, todo camponês cumprindo normalmente sua tarefa como era regra sob o comunismo de guerra, é um kulak*".

No "*Pravda*" do dia 30 de abril de 1925, foi emitido o seguinte discurso de Rykov, então Presidente do Conselho dos Comissários do Povo:

"Embora todos, da assembleia da aldeia aos comitês provinciais do Partido e do Comitê Central, estejam discutindo hoje o kulak, a questão para muitos ainda não está clara. Assim, parece-me perfeitamente errado querer contrastar o camponês abastado com o kulak. Dirigir a discussão sobre este plano é fazer escolástica. Tirar uma linha de divisão entre os dois é impossível. Devemos adotar a mesma atitude em relação ao kulak como fazemos em relação ao capital urbano privado no campo industrial e comercial. O capital privado não deve ser combatido por medidas administrativas. A ação recíproca do Estado e do capital privado situa-se no plano da emulação econômica e da concorrência. Esse tipo de relacionamento também deve definir nossa atitude em relação à burguesia rural. Tem que parar de pressioná-la. As medidas restritivas que fecham a porta para qualquer cooperação com este estrato social devem ser abolidas, mas o Partido tomará as decisões necessárias para que os cargos de comando desta cooperação não passem nas mãos do estrato burguês desse campo. Ao permitir condições para a acumulação livre nas explorações kulaks, o ritmo da acumulação aumentará em toda a economia, a renda nacional aumentará rapidamente, as possibilidades materiais de auxiliar as explorações mais pobres serão maiores e a mão-de-obra rural que não consegue emprego poderá ser reduzida".

Em outro discurso na 14ª Conferência, Rykov dizia que era necessário "*remover os obstáculos administrativos à acumulação*".

É curioso observar a opinião, ao mesmo tempo, de Molotov, que mais tarde foi um dos pilares mais duradouros do estalinismo. De fato, na mesma 14ª Conferência, Molotov, principal auxiliar de Stalin no secretariado do partido, pronunciou o seguinte discurso: "*É menos urgente dar uma definição de kulak do que dizer exatamente quais camponeses, de nenhuma maneira, devem ser classificados nesta categoria. Em particular, deve-se evitar colocar entre os kulaks o camponês médio consciencioso*". E Molotov esclarece que "*a luta contra a economia "kulak" será conduzida não "deskulakizando", não por meio de prisões e por imposição de multas, mas por medidas coordenadas no campo da tributação, por consolidação de terras e pelo movimento cooperativo, o qual deverá desempenhar um papel considerável*".

Em sua atividade subsequente, Molotov pareceu não se lembrar desse discurso, que continha outras frases interessantes, nomeadamente estas: "*Alguns comunistas têm uma maneira de olhar que se desvia da linha do Partido. Eles adotam a posição dos camponeses pobres e substituem esta à do Partido. O resultado é uma definição errônea dos problemas colocados pela coletivização agrária, que, segundo certos, é capaz, nas condições atuais, de restabelecer completamente a situação da massa camponesa pobre. Esta perspectiva reflete as ilusões destes últimos ...*" e Molotov continua: "*... não devemos nos deixar conquistar pelas ilusões das grandes massas camponesas sobre a coletivização, o que é necessário é essa exploração camponesa coopere e que os comunistas especialmente se livrem das ilusões que nos mantêm fora do caminho certo*" (ver "*Pravda*" do dia 23 de abril de 1925 e 9 de maio de 1925).

Assim, vemos que, em 1925, a facção dominante do partido considerava a coletivização como uma "*ilusão*", mas, já em dezembro de 1927, no XVº Congresso, essa fração dirigente expressava a opinião de que a coletivização de camponeses individuais deveria ser considerada como "*tarefa fundamental do Partido*".

Vamos citar novamente o discurso de Bukharin pronunciado no dia 17 de abril de 1925:

"*A N.E.P. existe nas cidades, dizia Bukharin, mas não existe no campo, nem na indústria artesanal*", "*... devemos lutar contra o capital privado, não fechando suas lojas,*

mas produzindo artigos de melhor qualidade e mais baratos do que os dele. No campo, as relações que existiam sob o comunismo de guerra não mudaram. O camponês abastado e o kulak têm medo de fazer acumulação. O camponês que quer cobrir sua izba com um telhado de metal, pode ser amanhã declarado kulak. O camponês que compra uma máquina faz com que os comunistas não a conheçam. A melhoria técnica é realizada em uma atmosfera de conspiração. O kulak está sujeito a pressões administrativas e os camponeses médios teme de melhorar a sua exploração porque arrisca ser classificado entre os kulaks e de ser objeto da mesma pressão. Aplicamos a mesma política a outra categoria da pequena burguesia: os artesãos. Nós levamos deles a metade, ou quase, do que produzem. Seu trabalho se torna impossível e é por isso que, no campo, as pessoas não trabalham em nenhum lugar. Nessas condições, o excesso de mão-de-obra, o excesso de população rural não pode ser absorvido. Nossa política deve ser orientada de forma a remover, pelo menos em parte, os impedimentos que freiam o desenvolvimento da empresa do camponês bem-sucedido e do kulak. Para os camponeses, para todos os camponeses, é necessário dizer "Enriqueçam, desenvolvam a sua exploração e não temam de ser ameaçados".

OPOSIÇÃO «DE DIREITA» E «DE ESQUERDA»

Este discurso de Bukharin foi uma espécie de programa da oposição que foi qualificada de "*direita*".

A chamada "*Enriqueçam*" provocou reações dos adversários desta posição. Assim, Krupskaya, a viúva de Lênin, enviou um protesto e Stalin proibiu sua publicação.

Em suma, a chamada oposição "*de direita*" queria um campesinato próspero sobre o qual a indústria devia apoiar-se, e sem o qual, de acordo com os promotores desta oposição, o regime socialista não poderia existir.

Felix Dzerzhinsky, o criador da polícia secreta soviética, que compartilhava a visão de Bukharin sobre este ponto, dizia ao Comitê Central em junho de 1926, contra Piatakov (oposição dita de "*esquerda*"): "*A desgraça é que existe entre nós pessoas que temem o bem-estar do campo. Mas será que podemos industrializar o país se a ideia desse bem-estar é assustadora?*".

Depois de sua primeira chamada "*Enriqueçam!*", Bukharin desenvolvia suas ideias escrevendo:

"Ao liberar as possibilidades do camponês abastecido e do kulak, obtemos mais-valias que permitem ajudar pequenas explorações. Devemos ser capazes de aumentar a renda nacional, só então poderemos apoiar, não em palavras, mas na realidade, os camponeses médios e trabalhadores diaristas. Alguns camaradas, continuava Bukharin, afirmam que se o capitalismo no campo conseguir crescer e se o kulak puder ter uma grande exploração, o proprietário fundiário reaparecerá, o que nos forçará a fazer outra revolução, uma revolução de alguma forma suplementar, no campo. Eu considero essa maneira de ver, dizia Bukharin, teoricamente errada e praticamente absurda. Se convidamos todas as campanhas para acumular e, ao mesmo tempo, dizemos que daqui a dois anos as expropriaremos pela força, ninguém vai querer acumular nada. Considerando que, em todos os países burgueses, argumentava Bukharin mais longe, o camponês é integrado por suas organizações cooperativas à burguesia industrial e bancária, sob a ditadura dos operários, tendo em vista as relações entre o poder e as organizações agrícolas e graças à nacionalização do solo, lideraremos, pela cooperação, o camponês ao socialismo. Não devemos acreditar que se os forçarmos aos kolkhozes, os camponeses virão mais cedo a ele. É claro, devemos apoiar as fazendas coletivas, mas não podemos dizer que este é o caminho que levará a massa camponesa ao socialismo. Devemos levar o camponês ao socialismo apoiando-nos em seus interesses particulares".

A chamada oposição de direita estimava que, com cooperativas de vendas e de crédito, o camponês seria afinal integrado no sistema estatal soviético, assim como nos países capitalistas, o camponês é integrado a um sistema econômico capitalista. A oposição de direita não temia o acúmulo na aldeia soviética, pelo contrário, achava que a mais-valia que o camponês rico colocaria nos bancos estaduais serviria em última análise para toda a economia soviética. *"A luta de classes não desaparecerá desde o início, mas não precisaremos, como alguns acreditam, expropriar por outra revolução, os elementos capitalistas que se desenvolvem no campo"*, escrevia Bukharin²⁵.

A chamada oposição *"de esquerda"* acusava os *"direitistas"* de copiar Stolypin, cuja reforma descrevemos acima. Assim, Preobrazhensky dizia que *"o fio condutor do desenvolvimento econômico das camadas superiores do nosso campo passa pela criação das fazendas capitalistas. Quebrado pela revolução, este fio é historicamente reatado"*²⁶.

²⁵ Este documento, bem como outros citados acima sobre a chamada oposição "de direita", é reproduzido a partir da revista "Contrato social", Vol. VII, nº 1, janeiro-fevereiro de 1963. Artigo de N. Valentínov.

²⁶ Registro Estenográfico da 15ª Conferência, p.124.

Mas Stalin, enquanto contemporizava entre as duas oposições e não querendo acima de tudo ser ultrapassado pela "*esquerda*", assegurou-se de que, em outubro de 1927, a sessão conjunta do Comitê Central e da Comissão Central de Controle tomasse a decisão de "*restringir*" o uso que permitia a criação de terras para o cultivo, especialmente de fazendas separadas, e de pôr um termo definitivo a esse uso quando essas empresas tinham o efeito de aumentar os elementos capitalistas. E, no final de 1927, a palavra de ordem da coletivização foi lançada.

Todavia, em um discurso em julho de 1928, o "*direitista*" Rykov ainda podia dizer:

"A principal tarefa do Partido é desenvolver a empresa camponesa individual, dando-lhe a ajuda do Estado para se organizar no plano da cooperação e reduzindo sistematicamente os elementos exploradores". Mas, acrescentava, "*é evidente que a ofensiva contra estes últimos não deverá ser conduzida de acordo com os chamados métodos de deskulakização*".

A oposição de "*direita*" ainda conseguiu fazer condenar os atos de violência semelhantes aos do comunismo de guerra. Na resolução adotada, lemos que "*tudo terá que ser feito para desenvolver a produção da pequena e média empresa camponesa individual que, por um longo período ainda, será a base da produção de cereais no país*"²⁷. Foi a última concessão feita por Stalin às concepções desta oposição.

TROTSKY E A COLETIVIZAÇÃO

Paramos nas concepções da chamada oposição de "*direita*" em relação à Questão Agrária. Vamos agora examinar mais de perto a chamada oposição "*de esquerda*" em relação a este mesmo problema agrário. Assim, em uma carta enviada de Constantinopla por Trotsky a Boris Suvarin no dia 23 de abril de 1929, lemos isso sobre a questão dos camponeses: "*Para mim, a questão em si começa com a negação do campesinato como um todo. Trata-se da luta de classes dentro do campesinato*" e também "*Os camponeses médios representam um protoplasma muito especial. A formação deste protoplasma é inevitavelmente realizada em duas direções: capitalista, através dos kulaks; socialista, através dos camponeses semiproletários e diaristas agrícolas. Quem ignora esse processo fundamental, quem*

²⁷ O P.C. da União Soviética através das resoluções, p. 513. Citado a partir do "Contrato Social", janeiro-fevereiro de 1963.

*generaliza ao falar do campesinato, quem não percebe que o "campesinato" tem dois rostos inimigos, é perdido sem retorno*²⁸.

Por outro lado, Trotsky escrevia em 1929 no prefácio da 2ª edição de seu livro "1905", que *"o proletariado deve inevitavelmente entrar em conflito com as grandes massas camponesas cujo apoio o levou ao poder"*. Ele acreditava que, sob as condições de um país atrasado, onde a população camponesa está em esmagadora maioria, os antagonismos só podem ser resolvidos no nível internacional e no campo fechado da revolução mundial.

Esta opinião de Trotsky era, além disso, comumente aceita por todos os adeptos da doutrina do marxismo revolucionário de antes da Revolução Russa.

Já, durante a vida de Lênin, em 1922, Preobrazhensky, futuro oponente de "esquerda", escrevia que *"das fileiras da massa de camponeses médios, uma camada de camponeses economicamente fortes, está buscando cada vez mais para melhorar a cultura agrícola e aumentar o desempenho por um esforço intensivo da empresa individual"*. Preobrazhensky e outros opositoristas "esquerdistas" temiam essa melhoria na economia camponesa.

No XIVº Congresso, Stalin, que naquela época defendia a N.E.P., dizia que *"se alguém perguntava aos comunistas o que o Partido está mais inclinado a fazer, despojar o kulak ou, para evitar isso, aliar-se com o camponês médio, eu acredito que de 100 comunistas 99 diriam que o Partido é, mais do que qualquer coisa, preparado para a palavra de ordem 'Abaixo os kulaks!'. Que esta palavra de ordem seja lançada"*, continuava Stalin, *"e num piscar de olhos o kulak não terá mais nada nas costas"*. E Stalin acrescenta: *"Quanto a não mais "deskulakizar" e conduzir uma política mais sutil, a coisa não é fácil de digerir. Com suas ideias, a oposição leva à exasperação da luta de classes na aldeia, ao retorno à política de deskulakização dos Comitês dos Camponeses Pobres e, conseqüentemente, à guerra civil"*.

Em 1923, Preobrazhensky tinha começado a motivar sua concepção em um artigo do "Mensagem da Academia Comunista" (oitava entrega) intitulado "Da lei da acumulação primitiva". Em 1925, ele publicava o seguimento intitulado "Da Lei do Valor na Economia Soviética". Neste artigo, Preobrazhensky não admitia a existência, paralelamente à empresa socialista, de empresas camponesas, industriais ou comerciais. Segundo ele, a empresa

²⁸ Ver: Contribuições para a História do Comintern, Boris Suvarin, uma controvérsia com Trotsky (1929). Genebra, Livraria Droz, 1965.

socialista tinha que "devorar" a empresa privada. "*A ideia de que a empresa socialista pode desenvolver-se por si mesma sem tocar os recursos da empresa pequeno-burguesa, incluindo a empresa camponesa, é uma utopia reacionária pequeno-burguesa*", afirmava.

Para Preobrazhensky, a lei fundamental da economia soviética era precisamente a lei da acumulação primitiva. A oposição de "*esquerda*", ao contrário da oposição de "*direita*", preconizava o aumento dos preços industriais para bombear dessa maneira o campesinato.

Esta ideia foi expressada de forma mais brutal por Stalin em seu discurso no XVº Congresso: "*Não temos colônias, empréstimos nos são recusados, portanto, aqui está a nossa arma: o tributo levado ao campesinato*".

Em abril de 1935, Trotsky, de seu exílio no exterior, retomava para si a coletivização dizendo que em 1928 a oposição forçou o Partido a adotar suas concepções, forçando-o a se engajar no "*caminho*" da industrialização e da coletivização.

VIII. A ESTRUTURA DOS KOLKHOZES

Um kolkhoz ou o que deveria ser uma fazenda coletiva é uma organização que, pela sua própria natureza, difere essencialmente de uma associação cooperativa. Na verdade, um kolkhoz é uma organização estatal que tende a transformar os camponeses em trabalhadores agrícolas que cumprem sua tarefa por medo de sanções penais.

Através de suas agências locais e de suas seções agrárias de "raios", o Ministério da Agricultura administra e controla a atividade dos kolkhozes.

No início, uma fazenda coletiva apresentava um conjunto de unidades econômicas: um kolkhoz propriamente dito e uma estação de máquinas e tratores, chamada MTS. Uma estação de máquinas e tratores servia cerca de 42 kolkhozes, de modo que a maquinaria agrícola não pertencia aos kolkhozes, mas, pelo contrário, os kolkhozes dependiam para os trabalhos agrícolas das ditas estações.

De acordo com o Decreto do dia 13 de abril de 1930, os kolkhozes, nos "raios" que cultivam principalmente cereais, deviam entregar ao Estado entre um quarto e um terço da colheita total calculada com base em um ano médio; para os kolkhozes que não eram considerados produtores de cereais, as entregas obrigatórias não ultrapassavam o oitavo da safra total. Na realidade, toda a produção mercantil ia para a colheita.

Em 1932, o governo decidiu tomar medidas para regularizar o suprimento. Assim, os contratos de entrega de grãos foram abolidos e um imposto a pagar em trigo foi instituído; a taxa desse imposto devia ser fixada anualmente pelo governo. Para os trabalhos de arar, plantar, colher e debulhar, os MTS tinham que obter 20% da colheita. Os kolkhozes, os kolkhozianos e os agricultores individuais foram autorizados, após o fornecimento do Estado, a vender seus excedentes em mercados kolkhozianos a preços não tributados. Ao mesmo tempo, para liderar kolkhozes e sovkhoses, foram organizadas, junto dos sovkhoses e dos MTS, seções políticas formadas por membros do partido. Essas seções políticas deviam expurgar os kolkhozes e os MTS dos elementos socialmente perigosos e fazer com que os kolkhozianos compreendessem a necessidade de cumprir os compromissos de entrega ao estado.

A partir de 1930, um sistema de remuneração dos kolkhozianos foi adotado com base no número de dias trabalhados pelos kolkhozianos no ano. O dia de trabalho chamado *trudodien* não corresponde ao dia físico de trabalho. Quando um kolkhoziano fez um trabalho que não requer conhecimento especial, seu dia físico é contado como um *trudodien*; pelo

contrário, um dia de trabalho qualificado será contado como um *trudodien* e meio ou dois *trudodiens*.

E à medida que a qualificação do kolkhoziano aumenta, o mesmo acontece com o número de *trudodiens*.

Por que esse modo de remuneração em dias de trabalho?

No VIº Congresso dos Sovietes, em março de 1931, o Comissário da Agricultura, Yakovlev, ressaltou que o maior erro foi feito em 1930, quando as rendas foram distribuídas não pelo trabalho feito, mas per capita. E foi para interessar os kolkhozianos nos frutos de seus trabalhos que a remuneração por *trudodien* foi introduzida. Note-se, no entanto, que a distribuição devia ocorrer - e até o presente ocorre - no final do ano agrícola, proporcionalmente ao rendimento global do kolkhoz. Mas deve-se observar que, para uma grande porcentagem dos kolkhozes, dada a renda muito limitada, a remuneração dos kolkhozianos paga para os seus *trudodiens* era nula ou quase nula. Após o desaparecimento de Stalin, foi colocada a questão de dar aos kolkhozianos avanços em dinheiro e em espécie sobre os *trudodiens* feitos para permitir que eles subsistissem até o final do ano agrícola. Mas foi muito pequeno o número de kolkhozes com os meios financeiros para dar esses avanços²⁹.

PRODUÇÃO INDIVIDUAL E PRODUÇÃO COLETIVA

Por isso, ao discutir os meios de subsistência dos kolkhozianos, é essencial se debruçar sobre o problema das parcelas de terra que todos os kolkhozianos têm o direito de possuir atrás de sua casa e que eles têm o direito de cultivar para seu benefício pessoal sem ter que abandonar a colheita para o estado. Para a posse desses lotes individuais, o campesinato conduz uma luta surda e incessante contra o Estado, de modo que às vezes o Estado os diminui, às vezes os kolkhozianos os aumentam por uma espécie de autodefesa. É para esses lotes individuais, que são muito pequenos (entre 25 e 50 ares), que o campesinato soviético presta toda a atenção, trabalhando-os com particular cuidado, e são esses lotes que alimentam não apenas os próprios camponeses mesmos, mas também em parte a população urbana.

Assim, nas "*Izvestia*" do dia 4 de março de 1966, um certo Stepanov dá as seguintes cifras: as parcelas individuais deram, em 1964, 42% da carne e do laticínio do país, 73% dos

²⁹ Em julho de 1966, a remuneração garantida dos kolkhozianos com base nos salários dos trabalhadores dos sovkhoses foi legalmente introduzida. Não temos dados sobre a aplicação real desta medida.

ovos e 64% das batatas. Contudo, a área total dessas parcelas é igual a 3% de todas as terras aráveis!

No entanto, há um mínimo de trabalho obrigatório. Por decreto do dia 27 de maio de 1939, foi estabelecido um mínimo obrigatório de 60 a 100 dias úteis para cada kolkhoziano válido. Se os kolkhozianos não faziam este número mínimo de dias no ano, tinha-se o direito de retirar deles sua casa e seu lote individual.

No dia 13 de abril de 1942, a quantidade mínima de trabalho obrigatório para kolkhozianos e kolkhozianas válidos foi aumentada para 100-150 *trudodien*s e os adolescentes de 13 a 16 anos foram coagidos a 50 dias de trabalho obrigatório. Atualmente, segundo as estimações, avalia-se, entre 197 e 199, o número médio de dias úteis cumpridos por um indivíduo da população economicamente ativa. Ao mesmo tempo, as autoridades locais foram autorizadas a mobilizar cidadãos da população economicamente ativa - homens de 14 a 55 anos, mulheres de 14 a 50 anos - para ajudar nos trabalhos agrícolas urgentes. Atualmente ainda, a força de trabalho auxiliar urbana nos kolkhozes se traduz em 83 milhões de dias úteis para o período 1960-63 ("*Kommounist*", nº 18, 1965).

Antes da guerra, o dia útil dos kolkhozianos foi fixado às 9,6 horas, mesmo durante os períodos de grandes quantidades de trabalho. Por decreto do dia 1º de agosto de 1940, o dia útil durante a safra devia começar entre as 5 e as 6 da manhã e terminar ao anoitecer.

Tendo em vista o fato de que os dias de trabalho dos kolkhozianos eram e são praticamente pouco remunerados ou não pagos, os kolkhozianos trabalhavam e ainda trabalham sob coação, o que afeta o estado da própria agricultura. De fato, o kolkhoziano, obrigado a trabalhar gratuitamente ou quase gratuitamente, negligencia o trabalho agrícola e abandona os campos, outrora férteis. Assim, estima-se que atualmente o número de campos em pousio na parte europeia da R.S.F.S.R., fora das Terras Negras, é igual aos territórios dos países escandinavos. Campos antigos são cobertos por mata e arbustos que atacam terras aráveis e novamente exigem extenso trabalho de desmatamento já feito antigamente pelos camponeses russos. Os prados estão cobertos de arbustos e também exigem muito trabalho para poder alimentar o gado.

Além disso, as terras soviéticas tornaram-se pouco férteis por falta de fertilizantes naturais e químicos. Na verdade, o Estado produz e envia uma certa quantidade de fertilizante químico, mas a maioria dos kolkhozes não os leva para a fazenda, sem meios de transporte

nem dinheiro para pagá-los. Então, durante anos, fertilizantes químicos descarregados ao longo das vias férreas formaram, acumulando-se, reais montículos. Quanto aos kolkhozes que os trouxeram para os campos, eles se endividaram para com o Estado por esses fertilizantes.

Quanto às estações de máquinas e de tratores, elas foram vendidas para os kolkhozes em 1958. Estes últimos tinham que pagar as máquinas recebidas, o que aumentou o seu endividamento para com o Estado. É por isso que, após a queda de Khrushchev, o governo declarou uma espécie de moratória ou mesmo o cancelamento das dívidas kolkhozianas. Era apenas, aliás, uma aparência de magnanimidade, pois os kolkhozes, em qualquer caso, não podiam pagar suas dívidas.

IX. A ADMINISTRAÇÃO DOS KOLKHOZES...

Desde o início da coletivização no outono de 1929, os kolkhozes não tiveram o direito de administrar-se, e foram entregues às organizações do partido e dos serviços agrários governamentais.

À medida que as dificuldades de recolher trigo cresceram, o partido esforçou-se por assumir a direção dos kolkhozes. É assim que no dia 11 de janeiro de 1933, Stalin fez um discurso ao Comitê Central onde definiu a tarefa do partido no campo: *"Enquanto no campo, o cultivador individual"*, dizia Stalin, *"era o elemento dominante, o Partido podia limitar a sua interferência no desenvolvimento da agricultura a medidas de apoio, conselhos ou recomendações"* (...) *"Com a passagem para a agricultura coletiva, as coisas mudaram muito. A responsabilidade pela fazenda já não cai sobre os cultivadores, mas sobre o "núcleo" que administra a fazenda coletiva. Isso significa que o partido não pode mais, no momento atual, contentar-se com uma interferência intermitente no desenvolvimento da agricultura. Ele deve se encarregar da gestão das fazendas coletivas, assumir a responsabilidade pela sua atividade e ajudar os kolkhozianos a gerenciar sua exploração coletiva com os meios que a ciência e a tecnologia colocam à sua disposição"*. E Stalin acrescenta: *"Mas isso não é tudo. O kolkhoz é um grande negócio. E não podemos lidar com um grande negócio sem um plano prévio. A grande empresa agrícola que abrange centenas e, por vezes, milhares de lares só pode ser gerenciada com base em uma direção planejada. Caso contrário, ela estaria condenada à ruína"*. Stalin continua dizendo que: *"Para administrar essa exploração, é necessário fornecer à fazenda coletiva um certo número de pessoas com um mínimo de educação, capazes de planejar a atividade da empresa e organizá-la. É claro, diz Stalin, que se o governo não interferir sistematicamente na organização do kolkhoz, se não fornecer assistência sistemática, não conseguir-se-á estabelecer essa empresa"*³⁰.

O ESTATUTO KOLKHOZIANO DE 1935

O estatuto kolkhoziano de 1935 especifica que os negócios da associação são geridos pela assembleia geral dos membros que a constituem e, entre duas assembleias, pelo conselho de administração eleito pela assembleia geral; esta designa o presidente da associação, os

³⁰ Ver Stalin: *As questões do leninismo*, 10ª ed., pp. 517-518.

membros do conselho de administração e os membros da comissão de supervisão, cuja nomeação deve ser aprovada pelo *Comitê executivo dos soviets do raio*. Mas nos comentários que o órgão do *Comissariado de Agricultura e da administração das fazendas coletivas* dedicou a este estatuto, encontramos os seguintes esclarecimentos: "*Nesta questão de organização fundamental, que é a escolha dos quadros chamados para dirigir a fazenda coletiva, o papel primordial é confiado aos comitês executivos de "raio". O Estado proletário não pode ser despojado dessa alavanca importante que lhe permite dirigir a exploração coletiva*"³¹.

No entanto, na prática, esta famosa alavanca³² é inevitavelmente confiada não aos homens eleitos pela assembleia geral, como devia ser de acordo com a letra do estatuto, mas aos homens nomeados pelo Estado. Pode-se afirmar que, em regra, o kolkhoziano comum não tem nada a dizer na administração do kolkhoz, e até mesmo os próprios presidentes, ainda que designados pelas autoridades do Estado, não controlam a sementeira nem a data dela nem a da colheita. Eles devem obedecer aos planos apresentados pelas autoridades locais que se preocupam principalmente com a execução do plano, mesmo se apenas no papel, para poder fazer relatórios vantajosos às autoridades às quais estão subordinados.

E estas últimas fazem o mesmo blefe para com os seus superiores. Assim, os técnicos do kolkhoz também são impotentes em relação às autoridades do Estado locais e às do partido.

³¹ Sr. Laptiev, "O Novo Estatuto da Associação Agrícola visto através da Doutrina de Lênin e Stalin", *SotsialisticheskayaRekonstruktsiaSolskoyoKhoziaistva*, julho de 1935, p. 65.

³² O termo "alavanca de controle" tornou-se um tipo de slogan do Estado na U.R.S.S. A essas alavancas é consagrado o famoso relato de Alexander Yashin intitulado "As alavancas", no qual o autor descreve uma assembleia de uma célula comunista de um kolkhoz onde é discutido este importante problema. Esta narrativa foi confiscada após sua publicação e existe numa cópia rara de uma coletânea intitulada *Literatournaia Moskva*, coletânea II, p. 502.

X. OS CAMPONESES DURANTE A GUERRA DE 1939-1945...

O campesinato soviético entrou em guerra com o sentimento de ser uma classe humilhada, senão sacrificada. Em muitas aldeias, o estado de espírito era tal que se se perguntava se o ocupante não seria mais indulgente do que o poder soviético. Já a difícil guerra com a Finlândia, cuja população era menor do que a população de Leningrado sozinha, tinha perturbado as mentes de todo o país e, claro, do campesinato. Mais tarde, quando a Alemanha entrou na guerra com a U.R.S.S., grande parte das derrotas do primeiro período da guerra, com milhões de prisioneiros nas fileiras do Exército Vermelho, foi em parte devido à política para com os camponeses. É certo que a política louca de Hitler em relação aos prisioneiros soviéticos e ao povo dos territórios ocupados rapidamente inverteu esta situação, mas durante os primeiros meses do verão de 1941, os camponeses, em sua maior parte, esperavam a derrubada do regime e a abolição dos kolkhozes.

Durante a guerra, toda a população masculina sendo mobilizada, muitas vezes eram as mulheres e as crianças, que, sem cavalos nem bois, puxavam os arados e cultivavam a terra. Os kolkhozes eram mantidos, mas a administração não estava em condições de aplicar os regulamentos com total severidade. Assim, o lote de cada família camponesa aumentou espontaneamente, e o campesinato se alimentava por si mesma do melhor jeito que podia, e ainda alimentava a cidade e o exército. Os tempos estavam difíceis, mas o kolkhoziano respirava melhor do que em tempo de paz, as autoridades estavam menos numerosas e mais distantes.

As camponesas esperavam que, depois de tantos sacrifícios, a guerra acabada, quando os homens tivessem sobrevivido voltariam para casa, a vida se tornaria mais fácil.

Contudo, por um lado, as perdas de soldados eram terríveis. Quanto aos prisioneiros camponeses, eles morreram em dezenas de milhares em campos de Hitler e aqueles que tinham sobrevivido, não retornaram às aldeias, os ex-prisioneiros tendo sido todos enviados diretamente para os muitos campos de trabalho forçados stalinistas, onde eles terminaram na sua esmagadora maioria seus dias. Nós não temos números, mas o número de ex-prisioneiros que voltou para suas casas é muito pequeno. A imprensa oficial não menciona isso, mas dados indiretos são frequentemente encontrados na literatura soviética (histórias e romances).

Também se deve acrescentar que, nas áreas ocupadas pelos alemães, a população era de 88 milhões. As autoridades alemãs queimaram 70 mil aldeias e tiraram dos camponeses 7 milhões de cavalos e gado de acordo com os dados da Comissão governamental responsável pela gravação de crimes de guerra nos territórios ocupados da U.R.S.S.).

Durante o primeiro período da guerra, nas áreas ocupadas, a população camponesa começou a compartilhar as terras agrícolas coletivas (de acordo com histórias de pessoas deslocadas) e fazia isso com muito cuidado. Mas logo as autoridades de ocupação alemãs perceberam que era mais fácil para elas lidar com kolkhozianos do que com os camponeses individuais; eles não favoreciam mais a divisão de terras. Além disso, o movimento dos defensores da Nação soviética que começou nas áreas ocupadas com forte participação camponesa definitivamente confundiu a situação.

Quando as autoridades soviéticas voltaram, consideraram toda a população das áreas anteriormente ocupadas como culpadas de colaboração e levaram a cabo deportações em massa dos territórios liberados, o que não contribuiu de modo algum para a restauração imediata da agricultura, nem para o bem-estar dos camponeses, que nunca foi, aliás, a verdadeira preocupação das autoridades bolcheviques.

XI. O PÓS-GUERRA: AS “AGROCIDADES”...

Após a guerra, Stalin, encorajado pela vitória, obviamente não pensava na liberalização do regime kolkhoziano. Pelo contrário, ele e sua comitiva queriam segurar o regime dos kolkhozes com rédeas ainda mais curtas. Assim, em 1948, uma reforma foi concebida em grande escala para ampliar consideravelmente as fazendas coletivas. Era planejado o transplante das aldeias kolkhozianas para assentamentos maiores a serem construídos, e aos quais havia sido dado antecipadamente o nome pretensioso de *agrocidades*. Essas *agrocidades* deviam, de acordo com os protagonistas desta ideia, facilitar o uso das máquinas agrícolas e, ao mesmo tempo, apartar os kolkhozianos das parcelas de terra que os alimentavam.

Na verdade, tratava-se, desta vez, de remover os camponeses pela força das suas antigas bases, de movê-los das suas terras nativas. Foi também colocada a questão de destruir as aldeias com suas isbas e seus jardins, e de levar os camponeses para as *agrocidades*, que deviam ser construídas com base em casas modernas. Este plano incendiário recebeu um início de realização em sua parte negativa, destrutiva. Aos kolkhozianos foram prometidos céus e terras, obviamente falando em seu nome como se tivessem sido previamente consultados. Assim, A. Savin escrevia no "*VoprossyEconomiki*" de setembro de 1950, que "*as aldeias e comunidades são mal instaladas e não possuem locais para organizações culturais e sociais. Portanto, os membros dessas grandes associações agrícolas acreditam que é necessário construir novas aglomerações com as instalações necessárias para que, num futuro próximo, todos os kolkhozianos que vivem em aldeias ou comunidades remotas, e que faltam de instalações modernas, possam ser transferidos para lá*".

No "*Pravda*" do dia 28 de fevereiro de 1951, F. Grinko também dizia que "*grandes associações agrícolas poderiam criar grandes estações de energia, serviços combinados para transformar produtos agrícolas, empresas para fabricar os materiais de construção de que precisavam, e construir vastas e belas instalações para as organizações culturais e sociais*".

As *agrocidades* tiveram, finalmente, um proeminente defensor, NikitaKhrouchchev, que escrevia no "*Pravda*" do dia 4 de março de 1951: "*O nível material e cultural do kolkhoz aumentou. Este último tem outras necessidades hoje em dia, ele quer organizar sua vida em boas condições e um quarto único não pode mais satisfazê-lo. Devemos encontrar uma maneira de dar-lhe dois, três ou mesmo quatro quartos*". Todavia, tudo isso era apenas uma mentira grosseira. As aldeias soviéticas naquela época estavam em tal estado de exaustão e até

mesmo miséria atroz que todos esses bons discursos eram apenas uma mera ilusão e uma piada de mau gosto.

Na realidade, este projeto estava destinado a quebrar definitivamente a classe camponesa, mesmo que fosse através da destruição física dos seres humanos que nem sequer tinham um teto sobre suas cabeças. Para a construção destas *agrocidades*, não havia base material num país empobrecido e destruído pela coletivização forçada e pela guerra. Felizmente, este projeto demente e criminal foi interrompido em sua realização graças ao repentino desaparecimento de Stalin. Caso contrário, teria sido aplicado, obviamente, em sua parte destrutiva. Eles teriam expulsado os camponeses das suas isbas, sem poder dar-lhes outro abrigo, e dessa forma teria completado a destruição física da própria classe.

OS PLANOS DE DESLOCAMENTO FORÇADO SÃO ABANDONADOS?

Assim, no presente momento, esses planos de concentração dos camponeses nas localidades com uma população relativamente importante não são de modo algum abandonados. Achemos um eco disso na Lit. Gaz. N ° 49 para o ano de 1967 no artigo de Semionov, secretário do Comitê Regional do Partido da região de Gorki, que afirma que "*a organização do meio vital no campo exige há muito tempo uma intervenção séria por parte do Estado*". E, novamente, vem sendo criada como ilusão a organização dos serviços culturais em locais maiores do que a maioria das aldeias de hoje. Mas os motivos e os meios de realização permanecem os mesmos, embora o autor considere necessário sublinhar que "*Naturalmente, não se pode colocar aqui a questão de deslocamento forçado de pessoas em novos municípios*".

Esta precaução linguística é parcialmente explicada pelo fato de o autor responder a outro artigo publicado por N. Chetunova no Lit. Gaz. N ° 35 do mesmo ano de 1967 em que lemos que "*para remover as diferenças mais essenciais entre a cidade e o campo tão rápida e radicalmente, assim como é entendido no Gostroï (Gabinete do Estado da Construção), projetamos um sistema universal de transferência dos habitantes de nossas aldeias*". De acordo com este "*sistema universal*" de 600.000 aldeias (de acordo com outros dados 700.000), é planejado escolher 120 mil aldeias "*apresentando uma perspectiva*" para a reconstrução radical e o desenvolvimento, enquanto as 480 (ou 580.000) aldeias restantes serão aniquiladas. Nas aldeias "*apresentando uma perspectiva*" onde todas as conveniências da vida citadina serão criadas, os habitantes das aldeias vizinhas devem ser transplantados.

N. Chetunova também nos ensina que nas aldeias "*sem perspectiva*", isto é, em pelo menos 4 de 5 aldeias, é proibido "qualquer construção nova, qualquer desenvolvimento". "*Se você mora numa tal aldeia*", ela nos diz, "*e seu filho se casou e tem filhos, você não pode adicionar um novo quarto à sua casa ou ter o aquecimento central ligado*".

De acordo com o sistema universal do Gostroï da U.R.S.S., "*um kolkhoz não tem o direito, por exemplo, de construir numa aldeia remota uma escola pequena ou muito necessária ou um pequeno clube, porque as escolas devem ser construídas para um número mínimo de 192 alunos com todo o material que não podemos encontrar em nenhum lugar, para não mencionar o custo muito alto de tal construção*".

Mas a autora parece otimista. Ela espera que "*a ideia monstruosa de superar o atraso cultural do campo transformando-o em cidades sem personalidade com casas de vários andares é condenada e rejeitada*". Segundo ela, na conferência de Moscou dedicada a esta questão, era dito que os kolkhozianos se recusam categoricamente a viver em casas de vários andares com hortas fora da cidade. E a autora parece compreendê-los dizendo que "*a casa multi-habitação com um pedaço remoto de terra é uma ruptura com os hábitos de trabalho dos camponeses. É outra psicologia*", e ela argumenta que a construção nas aldeias deve ser deixada aos cuidados da cooperação aldeã. Ela acredita que, nessas condições, os kolkhozianos poderiam mobilizar suas forças e recursos. Mas é precisamente contra essas ideias que o secretário de Gorki responde que a intervenção do Estado na organização da vida do camponês é indispensável. De fato, sem isso, o que seria da linha principal dos bolcheviques quanto ao problema camponês?

XII. APÓS A MORTE DE STALIN...

Qual era a situação real quando Stalin morreu? No Plenário do Comitê Central do partido que aconteceu em setembro de 1953, as autoridades tiveram que reconhecer em parte o estado precário da economia rural soviética.

De fato, o Estado tomava os produtos agrícolas pagando preços mínimos, puramente simbólicos.

A pobreza mais real prevalecia no campo. Pelas confissões tardias de Khrushchev, o mundo aprendeu ("*Pravda*" do dia 7 de maio de 1964) que, no final da era estalinista, "*o trabalho da maioria dos kolkhozianos era praticamente não remunerado. Assim, por exemplo, para um trudodien em 1952, nas regiões de Kaluga e Tula, era pago 1 kopec, nas regiões de Ryazan e Lipetsk: 2 kopecs, nas regiões de Kostroma e Kursk: 4 kopecs. Vários kolkhozes não pagavam há anos para os trudodiens, nem um único kopec*".

Khrushchev também relatou o seguinte fato: "*Em 1952, Stalin propôs a criação de uma comissão que estabelecesse medidas práticas para o desenvolvimento do gado nos kolkhozes e sovkhoses.*

Eu tive a oportunidade de participar dessa comissão, disse Khrushchev. Os camaradas Mikoyan, Ignatov e outros, tínhamos elaborado juntos propostas; elas eram bastante modestas. Para melhorar o interesse material em aumentar a produção, planejávamos, entre outras coisas, aumentar um pouco os preços de fornecimento de carne, leite e outros produtos. Fizemos conhecer este projeto a Stalin, ele olhou para ele e disse: "Não, isso é errado, trabalhem mais um pouco, façam outras propostas e levem em consideração que precisamos aumentar o imposto sobre os kolkhozes e os kolkhozianos de cerca de 40 bilhões de rublos". Isso ocorreu num momento em que todo o rendimento em dinheiro dos kolkhozes foi avaliado em 42 bilhões de rublos. Como outros 40 bilhões de rublos poderiam ter sido adicionados ao que os kolkhozes já estavam pagando? Se tivessem vendido tudo o que os kolkhozes tinham, mesmo com isso eles não poderiam ter pago tal imposto".

Em face de tal miséria, os camponeses deixavam as aldeias em massa, embora isso fosse formalmente proibido, já que os kolkhozianos eram e ainda estão legalmente vinculados aos seus kolkhozes.

Eles não têm permissão para sair sem autorização especial das autoridades kolkhozianas. E então, para residir em outro lugar, especialmente na cidade, precisa ter um passaporte. O fato é que um cidadão soviético, quem quer que seja, tinha e ainda tem que ter

um passaporte a partir dos 16 anos, exceto os kolkhozianos para quem se recusa, pelo contrário, de concedê-lo, para que não possam ir viver na cidade. Aos filhos de kolkhozianos muitas vezes é até negado um passaporte para estudar na cidade.

Tais fatos foram relatados pelo escritor EfimDoroch em seus "*Cadernos Aldeões*" publicados na revista "*Novy Mir*", número 6, 1964, e na revista "*Neva*", na edição de janeiro de 1964, narrativa de Fedor Abramov, pp. 22-23.

Mas voltemos ao plenário de setembro de 1953. Na sua resolução, lemos que "... *reconhecendo os mais importantes ramos da agricultura como insatisfatórios, o plenário do Comitê Central do Partido considera necessária e urgente a realização de uma série de medidas importantes para a recuperação dos ramos atrasados da agricultura, dos kolkhozes, dos sovkhoses até um nível avançado, para assegurar uma recuperação poderosa de toda a economia socialista. O problema é satisfazer - dizia a resolução do plenário - durante os próximos 2 ou 3 anos, as crescentes necessidades da população do nosso país em produtos alimentares e assegurar em matérias-primas a indústria alimentar*" ("*Pravda*" do dia 13-9-1953).

No entanto, Khrushchev minimizava as dificuldades, dizendo que "*estamos em suma satisfazendo a necessidade de cereais do país, no sentido de que nosso país é geralmente assegurado de ter pão; nós temos as reservas de Estado necessárias e realizamos numa certa medida operações de exportação de cereais*" (ver a coletânea de discursos e documentos de N.S. Khrushchev "*Semitomnik*", vol. I, p. 10, em russo). No mesmo discurso, ele reconhecia que a pecuária estava desenvolvendo-se extremamente devagar ("*Semitomnik*", p. 20). Contudo, durante o plenário do C.C. do partido de fevereiro-março de 1954, ou seja, seis meses depois, descobriu-se que a situação na frente agrícola era muito mais alarmante e Khrushchev esteve obrigado a constatar que "*o nível atual da produção de cereais não cobre as necessidades da economia nacional*". E, em vez de buscar remédio, tratando o mal em sua raiz, o mesmo plenário decidiu valorizar urgentemente as terras virgens no Cazaquistão e na Sibéria Ocidental.

Aliás, é compreensível que os líderes não desejem fazer a questão primordial: a do regime dos kolkhozes tal como são organizados econômica e politicamente. Será que são lucrativos para a economia do país e para os próprios camponeses? Pois fazer essa pergunta significaria colocar toda a dolorosa questão da coletivização forçada de 1930 e também o problema do funcionamento da economia de todo o país, com base no trabalho quase gratuito,

logo, na exploração de uma classe inteira: o campesinato. Lembremo-nos de que Stalin dizia que a Rússia sem colônias tinha que compensar às custas dos camponeses. De fato, toda a política do regime desde os primeiros planos quinquenais foi e permanece hoje baseada no trabalho quase gratuito ou, no melhor dos casos, muito mal pago para uma enorme parte da população - os kolkhozianos.

Eles se defendem como podem, escapando dos kolkhozes, resultando numa diminuição da produtividade agrícola e até mesmo no abandono da terra, que se torna inculta novamente, mesmo dentro da Rússia europeia, ou seja, terras usadas há séculos. (Veja "*Novy Mir*", n. ° 3, 1963, pp.177-79-83-85, e as "*Izvestia*" de 11-2-1964, relatório de I. Volovchenko ao plenário do C.C.).

A EXPERIÊNCIA DAS TERRAS VIRGENS

Ao lançar a ideia da valorização de terras virgens na Ásia, os líderes da U.R.S.S. perseguiam não só o objetivo de aumentar as colheitas de grãos, mas também um plano: criar grandes sovkhozes, isto é, fazendas de Estado que, segundo a ideia cara para muitos líderes, deveriam substituir os kolkhozes que são, mesmo se apenas nominalmente, cooperativas de camponeses. Essa ideia de criar grandes sovkhozes deve ser aproximada com o plano de criação das *agrocidades*, um plano que foi por água abaixo após a morte de Stalin. Desta vez, a ideia foi retomada por outro viés. A sua realização foi apresentada como uma forma de resolver o problema do grão para todo o país. As prevenções de alguns estudiosos que previam o perigo de erosão do solo foram vãs. (Ver "*Materiais da Conferência na Academia de Ciências Agrícolas*", janeiro de 1955, e "*Novy Mir*", No. 1, 1964, artigo de Chernichenko). A decisão de Khrushchev e sua comitiva foi irrevogável.

Para esta campanha das terras virgens, o partido mobilizou grandes recursos materiais. À custa das terras cultivadas durante séculos na Rússia europeia, 84% dos novos tratores foram enviados para a Ásia. O mesmo aconteceu com outras máquinas agrícolas e com os caminhões. E quando não havia máquinas ou homens especializados, eles foram retirados dos kolkhozes das outras repúblicas mais uma vez.

Um total de 40 milhões de hectares de terras virgens foi lavrado, e já se esperava que os primeiros 30 milhões de hectares produziram 1 bilhão e 800 milhões de puds³³ de cereais (ver "Pravda" do dia 4-1-1955). E, de fato, em 1956, mais de um bilhão de puds foram colhidos apenas no Cazaquistão, mas nos anos seguintes, foi uma queda forte. Em 1958, o Cazaquistão deu apenas 662 milhões de puds, em 1960: 642 milhões de puds; e em 1963 a safra caiu de 6,7 quintais por hectare para 3,6 quintais. A erosão das camadas superiores de terras aradas, predita por alguns cientistas, começou a fazer sentir os seus efeitos. As verdadeiras tempestades de areia negra surgiram na Ásia e até chegaram às regiões do Volga, causando grandes danos em todos os lugares.

A valorização das terras virgens era uma verdadeira epopeia. Em primeiro lugar, foi apresentada pela fração dirigente do partido como uma maneira segura de finalmente resolver o problema do grão e, de acordo com os dados do Gabinete Central de Estatísticas junto do Conselho dos Ministros da U.R.S.S., foram investidos lá 6,7 bilhões de rublos. Centenas de milhares de jovens komsomols³⁴ foram retirados de seu trabalho e enviados como iniciadores desta grande empresa. Também foram enviados milhares de especialistas de todos os tipos - engenheiros, agrônomos, médicos, mecânicos, etc. E, todos os anos, para ajudar a colheita, eram enviados dezenas de milhares de estudantes, mobilizados em todo o país, negligenciando as despesas ocasionadas pelo deslocamento dessas grandes massas humanas, sem contar os danos causados aos interesses dos próprios mobilizados.

Esta valorização de terras deixadas sem cultivo durante séculos, feita apesar do bom senso, por meios burocráticos, obviamente não conseguiu resolver nem o problema das cereais, nem, especialmente, o do campesinato, que permanecia e permanece aberto.

Mas desde o desaparecimento de Stalin, alguma coisa foi feita para mudar a vida dos camponeses e, por conseguinte, a marcha dos kolkhozes?

No plenário de setembro de 1953, as autoridades tomaram algumas medidas que, segundo elas, deviam melhorar a situação do kolkhoziano. Entre essas medidas, as mais importantes foram:

³³ O pud (em : *nyd*) é uma antiga unidade de massa usada na Rússia, equivalente a 16,38 kg. Foi abolido na . em 1918, juntamente com outras unidades de peso do sistema de medidas da Rússia imperial (NdT).

³⁴ Komsomol (em russo: комсомол) é o nome comum da organização da juventude comunista do Partido comunista da União soviética fundada em 1918 (NdT).

1- A diminuição das normas de fornecimento obrigatório de produtos pecuários pelos kolkhozianos.

2- O aumento dos preços de abastecimento pagos pelo Estado.

3- A distribuição aos kolkhozianos que participam do armazenamento de forragens de 10% do feno e da palha colhidas.

4- A abolição pelo Estado das medidas tomadas para a redução de lotes individuais dos kolkhozianos e a redução da criação individual.

Deve-se enfatizar, no entanto, que essas medidas se revelaram muito parciais ou completamente irrealizáveis. Assim, embora os preços de abastecimento tenham sido consideravelmente aumentados, eles mostraram ser muito baixos em comparação com os preços de mercado livre.

A distribuição de 10% da forragem era impraticável, porque a forragem faltava constantemente nos kolkhozes. Pelo contrário, os kolkhozianos trabalharam ativamente para melhorar suas parcelas individuais. Desta forma, eles deram ainda menos tempo e atenção ao trabalho nos kolkhozes.

Paralelamente às medidas de uma certa liberalização, os líderes da política agrícola tomaram uma série de medidas administrativas tendentes a fortalecer o controle político dos kolkhozianos. Assim, foi decidido abolir a administração agrícola de distritos ("*Pravda*" do dia 11 de fevereiro de 1954). Por quê?

Os socialistas (o menchevique S. Schwartz) dão a seguinte explicação: "*Nessas administrações agrícolas, apesar de tudo havia um espírito de zemstvo*³⁵". Este espírito de *zemstvo* deve ser entendido como o de autogestão.

Isso pode ser obviamente discutido, mas o que certamente é verdade é que o distrito era o órgão administrativo mais próximo dos kolkhozes e de suas vidas diárias. Pelo contrário, o papel dos comitês de distrito do partido na administração foi muito aumentado. Nas estações de máquinas e tratores, foi introduzido um secretário especial do comitê do distrito do partido e em cada kolkhoz um instrutor especial do partido. Por outro lado, os agrônomos

³⁵ Um *zemstvo* (em :Земство) é um tipo de assembleia provincial do Império Russo criado em . Essas assembleias, eleitas com um sufrágio censitário, representavam a nobreza local e os artesões e comerciantes abastados. Foram dissolvidos em 1918 pelo novo poder soviético em proveito do Sovietes locais. (NdT)

dos M.T.S. também personificavam a liderança do partido nos kolkhozes. O partido considerava que através do M.T.S. ele poderia realmente liderar a vida dos kolkhozes. E no dia 29 de janeiro de 1954, a "Pravda" escrevia que o "*M.T.S. agora atua não apenas como líder das obras previstas no acordo nos diferentes ramos da economia, mas também como líder e organizador da produção agrícola kolkhoziana*".

UMA CERTA LIBERALIZAÇÃO...

No entanto, um ano depois, sob a influência de uma certa abertura no país, as autoridades foram obrigadas a reduzir um pouco a pressão administrativa nos kolkhozes. O Comitê Central do partido e o conselho dos ministros juntos adotaram um decreto no dia 9 de março de 1955 "*sobre a mudança da política, do planejamento da agricultura*". Neste decreto, é dito que "*a ordem estabelecida pelo planejamento, sob a qual se comunicava aos kolkhozes os planos das semeaduras, que determinava rigorosamente a natureza das culturas e em que dimensões semear, que tipo de gado e em que quantidade o kolkhoz tinha que criar, muitas vezes levou a uma condução irracional da agricultura*".

O reconhecimento da condução irracional dos kolkhozes foi um fato importante que podia dar alguma esperança, mas o planejamento dos anos subsequentes mostrou que essas esperanças eram infundadas. O planejamento burocrático nos kolkhozes continuou após o decreto do dia 9 de março de 1955 e continua hoje em dia. Mais tarde, Khrushchev ia falar das muitas queixas que foram feitas contra este planejamento monstruoso, especialmente após o ano de 1956, após a denúncia do culto da personalidade.

No contexto de uma certa liberalização, deve-se também mencionar a liquidação dos M.T.S. com a venda do equipamento agrícola para os kolkhozes, e isso, apesar de que, por um quarto de século, os M.T.S. tenham sido o principal baluarte do partido e do governo no campo. Em janeiro de 1955, no plenário do Comitê Central, Khrushchev ainda dizia que os M.T.S. eram "*os pontos de apoio mais importantes para a condução dos kolkhozes nos países socialistas*" ("*Semitomnik*", v. I, p. 480). Mais tarde, no XX Congresso, em fevereiro de 1956, foi decidido aumentar o papel dos M.T.S. no desenvolvimento de todos os ramos da produção agrícola nos kolkhozes.

Mas o plenário do Comitê Central do partido de fevereiro de 1958 tomou o decreto "*Sobre o desenvolvimento ulterior do sistema agrícola coletivo e a reorganização das*

estações de máquinas e de tratores", no qual foi reconhecido como essencial a venda de máquinas para os kolkhozes.

Oficialmente, as autoridades explicaram esta decisão da seguinte forma: "*A reorganização dos M.T.S. tornou-se possível porque o poder econômico dos kolkhozes aumentou bastante; eles se sentiram em condições não só de adquirir os meios técnicos, mas também de usá-los com eficácia*" (ver "*MalayaEncyclopedia*", vol. 5, p. 1056). O mesmo artigo também nos dá a cifra dos preços de venda dessas máquinas - nomeadamente, 17,2 bilhões de rublos (novos). Note-se que são kolkhozes já endividados que ainda tinham que pagar esta enorme soma. Mais tarde, após a queda de Khrushchev, o governo foi forçado a cancelar as dívidas dos kolkhozes, como já indicamos.

Entre os anos de 1958 e 1961, o partido praticou uma espécie de sucedâneos de reuniões algo "*democráticas*". Eram plenários ampliados do Comitê Central, dos quais participaram, além dos grandes caciques do partido, altos funcionários da administração agrícola.

Nos plenários de 1958 e 1959 falou-se muito sobre as organizações inter-kolkhozianas e houve discussões a favor e contra o fortalecimento das bases cooperativas nos kolkhozes. O plenário de 1961 foi o último a discutir ainda um pouco a ideia "*cooperativista*" na organização da vida kolkhoziana.

Alguns observadores, incluindo o menchevique S. Schwartz, dão alguma importância a estes plenários ampliados, vendo neles uma certa influência das ideias democráticas que nasciam no país.

Que S. Schwartz estivesse ou não certo, nos plenários de março de 1962 e de fevereiro de 1964, esses vestígios acessórios de democratização não podiam mais ser encontrados.

Pelo contrário, a partir de 1962 pôde-se constatar um retorno decisivo para uma acentuação da direção do partido nos negócios kolkhozianos. De fato, em 1962 ocorreu a reorganização da direção da economia agrícola, pela criação de órgãos de gestão e de controle de todas as empresas agrícolas do país. Em março de 1962, durante o plenário agrícola ampliado do Comitê Central, dedicado ao "*problema do partido para a melhoria da direção da economia rural*", Khrushchev declarou: "*Gostaria de enfatizar que não falo na direção em geral, mas da direção da produção agrícola. Temos instituições em número mais do que suficiente que se ocupam de gestão rural, mas não temos um órgão de comando da economia*

agrícola, um órgão que teria estado envolvido na organização da produção, um órgão que teria penetrado nas necessidades dos kolkhozes e sovkhozes, dando uma direção a cada empresa separadamente, buscando a melhor eficiência no uso da terra - tal órgão não existe no país. Na verdade, este não existiu em nenhum momento desde o advento do poder soviético. A economia rural era e permanece pouco dirigida" (Ver "Semitomnik", t. 6, p. 398).

Para realizar esta direção de cada empresa agrícola, foram formadas administrações de gestão dos kolkhozes e sovkhozes que deviam ser responsáveis por cada kolkhoz ou sovkhoz.

E é o próprio Khrushchev quem disse na conclusão de seu discurso: *"Existe o perigo de os comitês regionais (ou dos territórios) começarem a propor para essas administrações os melhores diretores dos sovkhozes, os presidentes mais competentes dos kolkhozes. Não se pode seguir essa via"*, dizia Khrushchev. ("Semitomnik", t. 6, p. 455).

Em março de 1962, na reunião do Gabinete do Comitê Central do partido para a R.S.F.S.R., Voronov, vice-presidente deste gabinete, frisou em seu discurso que *"sob nenhuma circunstância os quadros executivos dos kolkhozes e sovkhozes tinham que ser selecionados"* ("Pravda" do dia 28 de março de 1962). A "Pravda" do dia 30 de março de 1962 repetiu a mesma coisa.

Nas administrações de gestão foram introduzidos os organizadores do partido, do Comitê Central e dos Comitês Regionais do partido com um grupo de instrutores - para cada kolkhoz, um instrutor ou um instrutor para 2-3 kolkhozes. As administrações distritais foram subordinadas às administrações regionais e acima delas os comitês regionais do partido com o primeiro secretário em sua direção. Da mesma forma, também foram criados os Comitês das Repúblicas e da U.R.S.S.

Tudo isso para fazer trabalhar o camponês!

XIII. A SITUAÇÃO APÓS KHRUSHCHEV...

Durante o plenário de março de 1965, o primeiro secretário do Comitê Central da Ucrânia Chelest, exprimiu-se desta maneira: *"É apenas a fé do nosso povo em um futuro melhor, e sua paciência, que puderam ajudá-lo a aguentar as diversas experiências insensatas"* (relatório estenográfico, p. 36), enquanto o Primeiro Secretário do Comitê Regional do Partido de Kostroma dizia que: *"Se alguém quiser falar honestamente, então, infelizmente, durante o culto da personalidade e durante os anos seguintes, contribuimos muito para diminuir o amor dos camponeses pela terra. Não é segredo, dizia ele, que numa série de regiões do nosso país, especialmente na área de terras não-pretas, o camponês deixou de cuidar da terra; ele a desleixa, a abandona, pede para reduzir o lote, etc. A causa de uma situação tão anormal é que, em várias regiões, esta terra alimenta mal o camponês, não lhe assegura o padrão de vida que ele pode facilmente ter, se abandonando a terra, ele vem trabalhar na cidade"* (relatório estenográfico, p. 176).

Esta opinião foi confirmada pelo Primeiro Secretário do Comitê Regional de Pskov, que apontou que, durante os últimos sete anos, a população dos kolkhozes daquela região quase se tinha reduzido para metade. De 200 mil pessoas, apenas 110 mil pessoas permaneciam. *"Se, mais tarde, a partir da situação atual, o declínio das pessoas em capacidade de trabalhar no campo continua no mesmo ritmo, disse o secretário, em 10 anos, não será mais nas fazendas coletivas capazes de trabalhar"* (p.142).

Esta questão da diminuição da população agrícola foi tratada por outros participantes no plenário, entre outros pelo Primeiro Secretário do Comitê Central da Juventude Comunista da U.R.S.S., Pavlov, que deu as seguintes informações: *"... a população nos raios aldeões, com idades compreendidas entre 17 e 29 anos, diminuiu em 6 milhões nos últimos anos. Em muitos kolkhozes, no momento, a idade média dos trabalhadores é superior a 50 anos"* (relatório estenográfico, p.162).

Os participantes do plenário, embora cuidadosamente selecionados de antemão, não deixaram de salientar que as taxas de suprimento dos kolkhozes não correspondiam às suas possibilidades reais. Assim, Chelest, já citado, declarou em que 1964, o plenário exigiu na Ucrânia 1 bilhão de puds de grãos. *"Se tivéssemos cedido a esse estado de espírito e concordado com isso, certamente teríamos causado a perda de reprodução"*. O representante da Rússia branca fez observar que *"para alcançar o plano de abastecimento, os kolkhozes tinham que matar o jovem gado e, além disso, por causa da falta de forragem para o seu próprio gado, eles tinham que comprar todo ano milhares de vitelos aos kolkhozianos para*

vendê-los de volta ao estado. Isso causava aos kolkhozes meras perdas" (Relatório estenográfico de Mazurov, Primeiro Secretário da Bielorrússia).

Os participantes do plenário também demonstraram também que o efeito do recente aumento³⁶ nos preços de fornecimento ia ser anulado pelo aumento dos impostos sobre as rendas dos kolkhozes, de modo que a situação não poderia melhorar.

Os líderes do Estado e do Partido estão plenamente conscientes desse círculo vicioso. Eles sabem que se deve deixar os camponeses viver e respirar se se quer que eles subsistam e produzam. Mas, ao mesmo tempo, temem comprometer o papel dirigente do Partido. E Brejnev achou necessário declarar isso no plenário de março de 1965: "*Não podemos ignorar o fato de que, em muitos casos, se derrota às bases democráticas do regime kolkhoziano. Numa série de kolkhozes, a grande massa dos membros do artel encontra-se de fato fora da discussão e das soluções dos problemas da economia do artel*".

Tal é a situação do campesinato no império soviético, cem anos após a abolição da servidão e cinquenta anos após a revolução de Outubro. Será que isso não ajuda a pensar?

Três anos depois deste discurso de Brejnev, não há evidências de nenhum fortalecimento das bases democráticas nos kolkhozes. Pelo contrário, podemos constatar muitos casos de transformação dos kolkhozes em sovkhozes por simples decisão das autoridades. Assim, lemos no "Komsomolskaya Pravda" do dia 23 de janeiro de 1968: "*O sovkhoz 'Vitória de Outubro' foi formado há dois anos em vez de um kolkhoz. A utilidade econômica de tal mudança não criou dúvidas em ninguém*". Infelizmente, não é dito por quem e como essa transformação foi decidida.

Nos é dito apenas que os trabalhadores estão saindo deste sovkhoz: de 500 trabalhadores restam apenas 334, e de 19 jovens que terminaram este verão, apenas um continua a trabalhar no Sovkhoz.

E para remediar este estado de coisas, não se encontra melhor solução do que enviar aos kolkhozes e sovkhozes meninos e meninas muito jovens que, no final das escolas, se matriculam em escolas profissionais. Depois de se matricularem, são enviados de modo obrigatório para trabalhar no campo. Assim, lemos na "Komsomolskaya Pravda" do dia 12 de janeiro de 1963 uma resposta a uma pergunta feita sobre este assunto por um professor da escola profissional nº 2 da cidade de Orsk: "*Sim, são recrutados e, sem tê-los devidamente registrados, são enviados aos kolkhozes e aos sovkhozes. Já é um sistema*". No mesmo artigo,

³⁶ De fato, durante o plenário do mês de março de 1965, foi decidido introduzir a partir do dia 1º de maio de 1965 uma aumento de 50% dos preços de compra do trigo e do centeio pagos pelo Estado aos kolkhozes e sovkhozes, vendidos fora do plano de venda fixado («*Izvestia*» de 11 de abril de 1965).

fala-se de outro caso semelhante que ocorreu na escola profissional nº 4 da cidade de Sipferopol. Um caso mais ou menos semelhante é relatado na "*Komsomolskaya Pravda*" do dia 25 de janeiro na cidade de Barnaul. Em uma palavra, adolescentes são enviados para trabalhar no campo de forma obrigatória, e isso não sob Stalin, mas em 1968.

E, novamente, pela enésima vez, se recomeça com as antigas fábulas sobre como organizar o trabalho dentro dos kolkhozes e sovkhozes como se tudo fosse feito da mesma maneira que colocar os participantes de uma orquestra no devido lugar. Assim, muito recentemente, encontram-se novamente na imprensa elogios à organização dos kolkhozianos por grupos ou elos de produção. Na "*Komsomolskaya Pravda*" do 24-2-68, lemos que "*a prática dos últimos anos mostrou que a forma de organização da produção por elos³⁷, aperfeiçoando-se, pode dar melhores resultados*" e que "*os especialistas propõem unir os elos, não em brigadas, como antes, mas em quartos, sem remover a independência aos membros dos elos e deixando-lhes a possibilidade de manifestar-se constantemente na superfície de terra que é afetada a eles*".

No entanto, na "*Komsomolskaya Pravda*" do 31-1-68, lemos sobre o mesmo assunto que "*... em seu tempo, na nossa região existiam 120 elos organizados, mas, alguns meses depois, permanecia apenas um*". Segundo consta o autor do artigo, este modo de organização requer um alto grau de consciência, um conhecimento da técnica agrícola, um conhecimento de todas as máquinas e dos mecanismos atribuídos ao elo.

No entanto, apesar de todos esses fracassos, o trabalho por elo, ao que parece, está se tornando, por enquanto, a nova moda da política camponesa. Pode-se interrogar-se até quando?...

³⁷ Pequenas unidades de trabalho, de seis a doze especialistas, cujo salário dependia apenas da colheita.

XIV. E AGORA?

Algumas pessoas quiseram alegar que, desde 1966, a situação dos kolkhozianos melhorou consideravelmente, porque desde julho do mesmo ano os kolkhozianos deviam obrigatoriamente receber um salário próximo ao salário dos trabalhadores dos sovkhozes, isto é, das fazendas estatais.

De fato, se até agora a remuneração do trabalho do kolkhoziano era ou nula ou aleatória, atualmente, se essa lei fosse aplicada e se os orçamentos dos kolkhozes o permitissem, o kolkhoziano deveria receber algo para seu trabalho. Seria melhor do que nada.

Por quanto diz respeito àqueles que queriam afirmar que os kolkhozianos adquiriram nestes últimos tempos uma certa independência em relação aos presidentes dos kolkhozes, vamos citar para eles um artigo publicado nas "*Izvestiya*" no dia 26 de março de 1967. A autora, uma certa B. Olkhovskaïa, apresenta um presidente de kolkhoz sob o nome de Silin, de quem os kolkhozianos, numa carta aberta, disseram: "*todo nosso trabalho é travado pelo nosso presidente. Ele é grosseiro com todos, mesmo com mulheres, usa palavras que se seria envergonhado de citar; ele também pode dar pancadas*".

Contudo, os autores desta carta aberta teriam gostado de usar seu direito de eleger outro presidente. Mas, diz o autor do artigo, o presidente do Comitê executivo do raio, presente na reunião dos kolkhozianos, disse que "*no momento, não podemos ficar em silêncio, porque, em primeiro lugar, a reunião é convocada para ouvir um relatório e não para não ouvir queixas e depois fazer eleições, e, em segundo lugar, o Silin (o presidente em questão) está listado na "nomenclatura"*".

A NOMENCLATURA, NOVA NOBREZA?

Contudo, o que é esta "*nomenclatura*" de que ouvimos falar cada vez mais?

De acordo com o Dicionário Enciclopédico, t. 2 de 1954, a *nomenclatura* é a lista das funções dos quadros que é confirmada por uma agência responsável considerada, por exemplo, por um ministério.

Quanto ao Dicionário da língua russa, t. III da Academia das Ciências da U.R.S.S. para o ano de 1958, dá a noção de "*nomenclaturnyработnik*" (servidor público registrado à *nomenclatura*) - um servidor público nomeado pessoalmente por uma autoridade superior.

Em suma, a *nomenclatura* é um tipo de registro de nobreza funcional cujos membros podem agir como quiserem, tendo sido nomeados pessoalmente. E os presidentes como Silin, cobertos pela "*nomenclatura*" realizam à sua maneira a "*democracia kolkhoziana*" e são intocáveis. Não é de admirar-se que em vez de cantar à vitória, a Direção Central Soviética de Estatísticas é obrigada a dizer em seu relatório sobre a execução do plano de Estado em 1967 (ver "Monde" de 25-1-68) que a colheita de cereais registou uma queda de 23,6 milhões de toneladas em relação ao ano anterior? Deve-se notar que esta mesma Direção de Estatística tem o cuidado de não indicar os motivos desta queda.

DOIS DEDOS DE ESPERANÇA?

Mas passemos para as teses do Comitê Central do Partido Comunista da U.R.S.S. publicadas por ocasião dos "*50 anos da Grande Revolução Socialista de Outubro*". Elas são analisadas num artigo de N. Saushkin, Professor Catedrático de Ciências Históricas, publicado na "*SelskayaJizn*" (Vida do Campo) do dia 13 de agosto de 1967. O autor deste artigo nos diz que "*nos últimos tempos, o Partido e o governo resolveram uma série de problemas entre os mais importantes para aproximar as condições de remuneração do trabalho dos kolkhozianos às condições existentes nas empresas de outros ramos da economia nacional. Foi introduzida uma remuneração mensal garantida para o trabalho dos kolkhozianos, em relação ao nível dos salários dos trabalhadores dos sovkhoses para trabalhos correspondentes*". Um regime único de aposentadoria para os kolkhozianos foi adotado, nos diz também o autor. Também confirma que "*no momento o desenvolvimento da economia pública ainda não atingiu um nível tal que seja possível, por esses meios, satisfazer todas as necessidades pessoais dos kolkhozianos, que uma das fontes de renda da população camponesa será representada ainda por muito tempo pelas parcelas individuais*" e que "*no país foram relatadas as restrições infundadas que tinham sido introduzidas na economia individual dos kolkhozianos. Usados dentro de limites razoáveis, essas parcelas, nos diz o Professor Catedrático de Ciências Históricas, não significam de jeito nenhum um retorno para a economia privada, como dizem alguns jornais burgueses, mas constituem uma reserva adicional (!) para o fornecimento da população do país em produtos alimentares ...*". Isto é dizer que o Professor Catedrático Saushkin reconhece o que dissemos acima e repetidamente provado por textos e números sobre a economia camponesa individual.

Porém, mais adiante, o mesmo Saushkin conta coisas mais instrutivas ainda, e notadamente isso: "*no campo, os preços de varejo praticados para os bens industriais e alimentares foram reduzidos ao nível dos preços praticados nas cidades*".

O que isso significa? Isso mostra que, além do fato de que o kolkhoziano quase não era pago por seu trabalho, os mesmos bens eram necessariamente mais caros no campo do que na cidade. Esse reconhecimento de fatos incríveis constitui verdadeiramente uma novidade.

Nosso Professor Catedrático também nos diz que os preços no atacado foram unificados para as empresas industriais e para os kolkhozes para a compra das máquinas e peças sobressalentes.

Isso significa que, para os mesmos produtos industriais, os kolkhozes pagavam mais do que as fábricas. Por quê? Em virtude de qual princípio marxista ou socialista, se não em virtude da afirmação cínica de Stalin, de que na U.S.S.S., uma vez que não tem colônias, são os camponeses que constituem o fundo a ser explorado.

PERSPECTIVAS...

Quais são as perspectivas para o campesinato soviético?

Parece óbvio para nós que as perspectivas para os camponeses não podem ser separadas das perspectivas políticas e econômicas de todo o país. Todavia, aonde o país está indo, meio século depois de Outubro? Será que ele encontrará a força criativa para se dirigir a alguma forma de democracia laboriosa e popular ou ele definitivamente se instalará numa autocracia burocrática e até mesmo terrorista? A classe trabalhadora soviética, crescida consideravelmente numericamente, e que inclui uma juventude escolarmente mais alfabetizada do que o ex-proletariado de antes de Outubro, mas que, ao contrário, cresceu na ausência de educação democrática - poderá ter uma influência libertadora sobre a sociedade soviética, que tende a ficar congelada em um estado de desigualdade crônica? E esta classe trabalhadora e a *intelligentsia* técnica que materialmente vivem relativamente melhor do que os camponeses, vão ter um ímpeto de solidariedade para com essa miserável classe oprimida? Será que eles também terão perspicácia suficiente para entender que nenhuma economia poderia suportar um tal desperdício agrícola indefinidamente, quando um setor de 215 milhões de hectares kolkhozianos está em desvantagem competitiva com os 6 milhões de hectares do setor privado?

Além disso, a fuga dos jovens do campo não só reduz numericamente o campesinato, mas remove do campo a parte mais ativa da população, o que tende a destruir a própria sucessão camponesa e deve necessariamente criar uma situação insustentável na frente agrária.

Contudo, o campesinato não é apenas numericamente diminuído, mas também sofre de uma falta catastrófica de uma população masculina adulta, com todas as consequências demográficas resultantes. Que atitude pode opor à burocracia do Estado e do partido se não for uma resistência passiva, o que dificulta consideravelmente os planos do Estado, mas que é nulo do ponto de vista criativo?

Podemos não temer que o Estado e o partido façam um esforço a mais para transformar todas os kolkhozes em sovkhozes, fazendas estatais incontestáveis? Seria o cumprimento do sonho supremo de todos aqueles para quem o campesinato é uma classe, se não para ser derrotada, pelo menos para ser usada como arma para a industrialização e a construção de um socialismo totalitário.

Por outro lado, será que não podemos sonhar com uma perspectiva mais humana, com uma transformação dos kolkhozes em verdadeiras organizações cooperativas, federadas, libertadas do jugo do Estado e do Partido, e fazendo uma verdadeira aliança com a classe trabalhadora e a *intelligentsia* das cidades?

A vitalidade da nova classe dominante no país, a resistência continuada que ela opõe a todas as tentativas de liberalização e a situação internacional agravada pela aparência na cena política de um estado estalinófila como a China de hoje, exalando o mau cheiro do clima soviético, infelizmente, escurece a possibilidade de perspectivas mais humanas.

Ida METT

ANEXO: BIOGRAFIA SUCINTA DA AUTORA ³⁸

BIOGRAFIA

Ida Gilman (Smorgon, Rússia³⁹, 20 de julho de 1901 - Paris, 27 de junho de 1973), conhecida como Ida Mett, foi uma comunista anarquista russa e uma entre os editores da Plataforma Organizacional da União Geral dos Anarquistas.

Ida nasceu numa família judaica de comerciantes no dia 20 de julho de 1901 em Smorgon (Rússia). Estudante de medicina, começou seus estudos em Kharkov, mas depois, para escapar das "atenções" dos bolcheviques, mudou-se para Moscou, onde entra em contato com os círculos anarquistas da cidade. Ela continua seus estudos em medicina na capital soviética, mas algumas semanas antes da sua formatura, ela é de novo presa pelos bolcheviques. Ela é forçada a uma nova fuga, desta vez para a Polônia.

O EXÍLIO NA FRANÇA E A PLATAFORMA ANARQUISTA

No outono de 1925, ele chega em Paris, onde colabora ativamente com o jornal “DieloTroudá”, publicado pelo grupo dos anarquistas russos exilados na França (entre eles também se encontra Nestor Makhno). Até 1927 serve como secretária de Nestor Makhno e da equipe editorial do jornal. Durante este período, ela conhece Nicolas Lazarevitch e torna-se sua parceira de vida e de ideais.

Ida Mett se alinha abertamente com a corrente comunista-anarquista, colaborando ativamente, juntamente com outros anarquistas russos em exílio na França, na redação da Plataforma Comunista Anarquista, publicada a partir de junho de 1926 em DieloTroudá, que será seguida por uma polêmica viva no campo do movimento libertário internacional: em abril de 1927, Sobol, Flechin, Volin, Schwartz, MollieSteimer e outros assinam uma resposta à plataforma. Todos acusarão os anarquistas de plataforma de introduzir germes bolcheviques no pensamento anarquista.

Em 1928, ela é excluída do grupo dos anarquistas exilados; de acordo com Maitron⁴⁰, isso seria devido à "prática religiosa": sua culpa ter aceso uma vela na morte de seu pai,

³⁸ (Fonte: ita.anarchopedia.org).

³⁹ Hoje em dia, esta localidade situa-se na Bielorrússia. (NdT)

seguindo o hábito e a tradição judaica. No mesmo ano, ela também é expulsa da França com seu parceiro de vida Nicolas. Ambos param em Liège, na Bélgica, onde Ida ainda retoma seus estudos em medicina, enquanto continua frequentando os círculos anarquistas locais em que conhece numerosos anarquistas espanhóis que estavam na Bélgica naquela época: entre eles, Francisco Ascaso e Buenaventura Durruti. Depois de ter completado seus estudos de medicina em 1930, no ano seguinte, por ocasião da proclamação da República Espanhola, o casal Mett-Lazarevitch parte para a Península Ibérica, auxiliando e participando de várias manifestações e tumultos, dos quais Nicolas informará e que analisará no jornal «La RévolutionProlétarienne» (A Revolução Proletária). Voltando à Bélgica, Mett começa a trabalhar numa empresa farmacêutica, continuando ao mesmo tempo o ativismo anarquista: após a sua participação numa manifestação contra a guerra em Bruxelas é perseguida pela "justiça" belga junto com o seu parceiro e dois militantes comunistas belgas. Em 10 de novembro de 1934, o Tribunal Corretivo de Bruxelas condena-a a 15 dias de prisão com sentença condicional e multa de 420 francos.

A DENÚNCIA DO ESTALINISMO

Após a condenação, no entanto, também é demitida e, em seguida, encontra-se vivendo em graves dificuldades econômicas. No entanto, tudo isso não a impede de apoiar Francesco Ghezzi, Victor Serge e todos os antiestalinistas presos na URSS. Mais uma vez na França, Ida Mett começa de novo em 1936 a vida de casal com Nicolas Lazarevitch, que, entretanto, tinha cumprido um ano de prisão.

Na França, Ida torna-se ativa no âmbito sindical da Bolsa do Trabalho, colaborando também com a revista "La RévolutionProlétarienne", da qual ela era correspondente na Bélgica com o companheiro Nicolas. Ela também colabora com a revista Libertárias escrevendo artigos comentando em particular sobre os julgamentos de Moscou contra libertários e comunistas não alinhados. No dia 28 de agosto de 1936, ela publica um artigo intitulado "Stalin extermina a geração de Outubro", onde ela descreve "o que acontece na Rússia é apenas a conclusão lógica de um regime absolutista que domina todos os setores da vida social". No número do dia 11 de setembro, ela volta a analisar a "questão estalinista" através de um artigo intitulado "Moscou Centro para a liquidação da revolução proletária" e ampliando a visão sobre os eventos espanhóis "... verifica-se que a revolução dos trabalhadores não quer perecer em contradições internas, se os sindicalistas, os anarquistas, os

⁴⁰ Dicionário Biográfico do Movimento Operário Francês. (NdT)

membros do POUM e, em geral, os trabalhadores não querem, após a vitória contra os fascistas, serem destruídos pelos esforços combinados da burguesia e dos agentes de Stalin na Espanha, devem agora entender que eles enfrentam Franco e Llano, inimigos reais, mas também Hernandez e La Pasionaria⁴¹, inimigos não menos terríveis para a causa dos trabalhadores ».

No dia 8 de junho de 1940, ela é presa com seu filho Marc, 8 anos e internada no campo de Rieucros (Lozère). O mesmo destino aconteceu para o marido, Nicolas, que havia sido trancado no campo de Vernet antes. Libertada em abril de 1941, ela inicialmente se refugia em Marselha, depois em janeiro de 1942, na Garde-Freinet e depois em Draguignan (Var).

A ATIVIDADE MÉDICA E DE PROPAGANDA

Em 1946, finalmente, a família Mett-Lazarevitch encontra-se reunida em Paris e dois anos depois, em 1948, ela publica o panfleto "A comuna de Kronstadt", preparado antes da guerra e que contém uma forte condenação do bolchevismo. De 1948 a 1951 ela trabalha como médica num sanatório para crianças judias em Brunoy, enquanto Nicolas Lazarevitch se esforça como corretor. Em seguida, Ida Mett trabalha para a indústria química, continuando a publicação de vários livros e artigos sobre medicina e educação na URSS. Ela escreve as memórias de Nestor Makhno - escritos perdidos durante a guerra - que exonera Makhno das acusações difamatórias e infundadas de antissemitismo caídas sobre ele e, em 1957, juntamente com Boris Souvarin, Lucien Laurat, Branko Lazitch, Ronald Wright e outros, ela colabora na edição especial da revista "Est et Ouest" (Leste e Oeste) contendo o texto "Le Communisme européen depuis la mort de Staline" (o comunismo europeu após a morte de Stalin).

Ida Mett morreu em Paris no dia 27 de junho de 1973. Seus arquivos foram doados por seu filho Marc ao Instituto Internacional de História Social em Amsterdã.

⁴¹A dita *la Pasionaria*, foi uma liderança comunista do PCE (Partido Comunista Espanhol) e, portanto, fiel à linha estalinista soviética. (NdT)